



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



NILCE ZONIZOKEMAIRÔ

ZERATI: O CANTO HALITI PARESI NO CONTEXTO PEDAGÓGICO

**BARRA DO BUGRES-MT
OUTUBRO DE 2022**

NILCE ZONIZOKEMAIRÔ

ZERATI: O CANTO HALITI PARESI NO CONTEXTO PEDAGÓGICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Professora Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

BARRA DO BUGRES-MT
OUTUBRO DE 2022

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

ZONIZOKEMAIRÔ, Nilce.

Z87z ZeratiO Canto Haliti Paresi no Contexto Pedagógico /
Nilce Zonizokemairô – Barra do Bugres, 2022.

90 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso

(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação
Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado
Profissional em Ensino em Contexto Indígena
Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus
de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato
Grosso, 2022.

Orientador: Waldinéia Antunes de Alcântara
Ferreira

NILCE ZONIZOKEMAIRÔ

ZERATI: O CANTO HALITI PARESI NO CONTEXTO PEDAGÓGICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH – da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbours” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovada em 31/08/2022

BANCA EXAMINADORA



Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira (Orientadora – PPGECH/UNEMAT)



Profa. Dra. Beleni Salete Grando
FEF / UFMT
CIADE: 1889943

Dra. Beleni Salete Grando (Membro Externo- UFMT)



Dra. Mônica Cidele da Cruz (Membro Interno-UNEMAT)

DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada, especialmente, aos meus filhos, Alessandra Zezezokenazokero, Elisandra Ezanazokero e Valdison Zemazokae que sempre me apoiaram e me incentivaram nos momentos em que encontrei dificuldades, durante a realização da pesquisa. Eles me deram força nessa minha caminhada e acreditaram junto comigo na realização deste sonho.

Também, dedico aos estudantes Haliti do ensino médio, aos professores Haliti, aos anciãos e ao pajé que contribuíram para a realização da minha dissertação de mestrado.

Enfim, dedico ao meu povo Haliti-Paresi!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a *Enore* (Deus), por eu estar concluindo mais uma etapa da minha vida.

Agradeço, carinhosamente, a minha mãe Tarcila Konizokero que me ajudou muito durante a pesquisa, e dedicou o seu tempo para ajudar no meu trabalho de dissertação de mestrado. Minha mãe, com toda a sua sabedoria, orientou nesta caminhada e trouxe para esta dissertação, em conselhos, o *Zerati*, sob a escuta da mulher que aprende e que ensina os filhos e as filhas.

Agradeço ao meu pai Aloisio Zolomae pela constante presença e apoio.

Agradeço muito a minha orientadora, professora Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira, que compartilhou o conhecimento e sabedoria dela comigo durante a realização do trabalho da minha dissertação de mestrado.

Agradeço a todos os professores do Mestrado, porque contribuíram para a minha aprendizagem e formação de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aqui, também, quero agradecer ao professor Adailton Alves da Silva, coordenador do Programa de Pós-Graduação-PPGECII, pelo esforço, compromisso e comprometimento que teve com a realização do curso de Mestrado Intercultural.

Também agradeço à Unemat – Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour – Barra do Bugres pelos serviços prestados e acolhimento aos povos indígenas.

Agradeço ao professor Leandro Nenezokae, coordenador Pedagógico Local da Escola Indígena Cabeceira do Sacre. Também agradeço ao professor Willian Mars Cristiano Nazokemai, Diretor da Escola Estadual Indígena Malamalali.

Agradeço a todas as pessoas que cederam e autorizaram o uso das imagens no trabalho de dissertação.

Agradeço à professora Eliane Santiago, chefe de Departamento e ao Vagner Constantino Guimarães, Secretário Municipal de Educação de Tangará da Serra /MT, por ter me liberado algumas vezes do trabalho para realizar a minha pesquisa de dissertação de mestrado.

Finalizando, agradeço imensamente a professora Mônica Cidele da Cruz e a professora Beleni Grando, por serem avaliadoras desta dissertação escrita com responsabilidade, compromisso e muitos sentimentos.

Em cantos silenciosos dentro do meu ser Haloti, encerro meus agradecimentos.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado está relacionada ao tema do currículo da educação escolar indígena. Propõe-se a discutir a inserção da música tradicional dos Haliti-Paresi no contexto das escolas das aldeias da Terra Indígena Paresi. Tem como objetivo contribuir para a construção de um currículo indígena, considerando os saberes tradicionais sobre o cântico Haliti-Paresi (*Zerati*), no contexto pedagógico e mostrar a importância dele para a nossa espiritualidade tradicional, na valorização e no fortalecimento da nossa essência como povo indígena. Busca registrar o conhecimento Haliti-Paresi sobre o conjunto de cânticos tradicionais, o *Zerati*. A metodologia de pesquisa foi a pesquisa ação, pesquisa de campo e observação participante, com o uso de entrevistas e de oficinas pedagógicas com os alunos do ensino médio da Escola Estadual Indígena Malamalali, na aldeia Rio Verde e Cabeceira do Sacre. Os referenciais de estudo apropriados para fundamentar a pesquisa foram as publicações do meu próprio povo Haliti e a participação dos consultores nativos, que são as pessoas sábias do meu povo. A pesquisa resultou na produção de um material sobre o *Zerati*, com os cânticos registrados na língua Haliti-Paresi e um documentário feito coletivamente com as pessoas da comunidade. O trabalho apresenta uma contribuição para discussão sobre a inclusão da música no currículo da educação escolar Haliti-Paresi, conjunto de saberes tradicionais sobre o *Zerati*.

Palavras-chave: Haliti-Paresi, Zerati, Currículo Escolar.

TYOKALITSE IDYAITI

Eye zahekore tyaunitere atyo hatya zaotyakitsati tahiyakahare. Haliti zerane zomokaka, zaotyakitsaka tahi, eye zaotyakitsakalatinyae wenakalati Haliti waikyohera Paresi kwarenae ana. Eye zahekore hiyeta zeratitahi, Haliti tahiyakahare tahi zaotyakitsaka zahekotyaka zomokaka tyauna maheta zaotyakitsakalatinyae ako, ezahe hotikitsa eye zowaiyoliti tyauna haliti ana iniyatere enawenanehare maniya ana, ezahe eye zema hoka hakakware ana hotikitsa eye zahekore zaotyakitsati maheta. Eye zahekorezema hitiya tyutya zerati haliti kwamaniyere tyaunitere kazakaitsaka kahotikitsaka maheta. Eye zahekore tyo haka ahotyalikitsa zoimya, zoimyahaliti, zoimyahalotinae itxuitere zaotyakitsakaliti Zozoiterô, Malamalali ako tyuma etahiyakahare zaidyatena Haliti zako, imuti zako zoaha maniyamaheta. Eye zahekore zaidyatitse atyo hotikitsa aliyakere aho maniya zamaniya zahekore kazumokaka hoka zerati tahi Haliti tahiyakahare zaotyakitsakati ako kazumokaka.

Idyaiti ekaitserhare: Haliti, Zerati, Zaotyakitsati Tahiyakahare

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Peixes	26
Figura 1: Veados.....	26
Figura 1: Na roça pegando mandioca brava	26
Figura 1: Raspando mandioca	27
Figura 1: Torcendo massa da mandioca	27
Figura 1: Torrando o polvilho	28
Figura 1: Armazenamento da chicha	29
Figura 1: Pajé cantando reza para <i>Enore</i>	30
Figura 1: Chicha, carne e beiju para <i>Enoharetse</i>	31
Figura 1: Dando banho na criança com espuma benzida	31
Figura 1: Casa da <i>Iyamaka</i> (flauta sagrada)	33
Figura 1: Dança do Zolane	33
Figura 1: Batizado Zozoizokemaece	34
Figura 1: Batizado de Korezokemaece	34
Figura 1: Renovação nome Oloizokekemaee	35
Figura 1: Renovação nome Zanzokaero	35
Figura 1: Renovação de nome (Omoizokemairo)	35
Figura 1: Primeiro nome Haliti (Kenaizokemaece).....	35
Figura 1: Tarcila Konizokero	37
Figura 1: Pajé Maurinho Nizokai da Aldeia Kolidiki.....	39
Figura 1: Trabalho em grupo na Cabeceira do Sacre	48
Figura1: Trabalho de escrita do texto individual.....	48
Figura 1: Cabeceira do Sacre.....	51
Figura 1: Aldeia Rio Verde	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 METODOLOGIA: RELATOS DE COMO FOI REALIZADA A PESQUISA.....	11
2.1 A pesquisa no seu desenvolvimento.....	11
3 SOBRE O POVO HALITI	14
3.1 Geo-História do povo Haliti.....	18
3.2 Cultura: Língua e relação com os cantos.....	20
4 O ZERATI: EXPRESSÃO DE VIDA E CULTURA HALITI.....	22
4.1 A música no universo Haliti: O <i>Zerati</i> , estudos e tradição.....	22
4.2 Expressões do <i>Zerati</i> na cultura material e imaterial Haliti na aldeia Rio Verde.	24
4.3 O lugar e as aprendizagens da mulher <i>haloti</i> na expressão cultural do <i>Zerati</i>	36
4.4 O lugar e as aprendizagens do homem Haliti na expressão cultural do <i>Zerati</i>	39
4.5 Preocupações e transformações: Uma reflexão sobre o <i>Zerati</i> e as novas gerações..	42
5 O ZERATI NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.....	44
5.1 O currículo diferenciado, específico, bilíngue e o <i>Zerati</i>	44
5.2 O <i>Zerati</i> no contexto pedagógico – Oficinas com estudantes do ensino médio.....	46
5.3 Produção das coletâneas de texto e músicas do <i>Zerati</i>	50
5.4 Produção de pequeno documentário junto aos alunos do ensino médio sobre o <i>Zerati</i>	52
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação está relacionada ao tema do currículo da educação escolar indígena. Propõe-se a discutir a inserção da música tradicional dos Haliti-Paresí no contexto das escolas Municipal Indígena Zozoiterô e Estadual Indígena Malamalali, na aldeia Rio Verde da Terra Indígena Paresí.

Escolhi este tema para mostrar a importância dos saberes tradicionais no currículo da escola, considerando que o cântico Haliti-Paresi (*Zerati*) precisa ser mantido pelas novas gerações, assim como, a preservação dos conhecimentos tradicionais dos anciões, idosos e pajés, sobre este assunto e outros.

Fazer essa pesquisa sobre o cântico Haliti-Paresi foi importante por permitir registrar e trabalhar na escola, possibilitando aos alunos reconhecer e valorizar cada vez mais o cântico do nosso povo. A música, desde os primórdios, foi e é importante para expressar os sentimentos dos seres humanos, além de estimular os sentidos auditivos.

Para nós, Haliti-Paresi, o *Zerati*, os conhecimentos tradicionais e saberes indígenas são coletivos e comunitários, devido ao envolvimento de todos, quando são realizadas as manifestações culturais do povo.

O tema sobre o *Zerati* para mim e para os demais professores indígenas é de grande relevância, por estar relacionado à vida espiritual do povo. Outra importância dessa pesquisa é a preocupação com a perda do interesse nessas práticas culturais por parte dos adolescentes e jovens.

O *Zolane* (dança) está ligado diretamente com o *Zerati*. *Zolane* é uma dança onde as mulheres participam dançando junto com os homens dentro da *hati*. É o momento em que nós, mulheres *haloti*, temos a participação na dança do *Zolane*, que é acompanhada pelo *Zerati*, cantado pelos homens.

Durante a dança do *Zolane*, as mulheres só dançam e ouvem, os homens que sabem o *Zerati* se colocam a cantar as melodias que falam das histórias dos nossos ancestrais Haliti. É o momento de socialização entre adultos, mulheres, idosos, anciãos, pajé, anciãs, adolescentes, jovens e crianças, e também é neste momento que a mulher *haloti* aprende as músicas do *Zerati*. Em processo de escuta profunda, elas apreendem na sua memória e no coração o canto para que possam repassar para os seus filhos e netos, e assim eles aprendem a cantar.

Apesar das nossas manifestações culturais fazerem parte da nossa vida Haliti-Paresi, esta pesquisa sobre o *Zerati* pode contribuir muito para a discussão do currículo da educação escolar indígena, quando se refere aos conhecimentos tradicionais e saberes indígenas no Brasil,

pois ainda é muito difícil que nossas culturas e nossos saberes sejam aceitos pelo sistema do governo.

Atualmente há poucos trabalhos que falam sobre a música como elemento do currículo na educação escolar indígena. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas-RCNEI (1998), todos os grupos indígenas dispõem de processos de socialização próprios e o ensino e aprendizagem têm concepções específicas sobre o que deve ser aprendido, como, quando e por quem. Portanto, a escola não é o único lugar de aprendizado e nem pode ser vista desta forma.

Ainda de acordo com Brasil (1988), os povos originários possuem sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída aos outros membros, são conhecimentos e valores que fazem parte da educação tradicional dos povos indígenas. Essas formas de educação tradicional podem e devem contribuir para a formação de uma política e práticas educacionais adequadas, capazes de atender aos anseios, interesses e necessidades diárias da realidade atual. Tais conhecimentos não são incompatíveis com os conhecimentos da escola contemporânea.

Nesse sentido, esse trabalho de pesquisa se justifica por procurar atualizar, no contexto da educação escolar do povo Haliti-Paresí, elementos da cultura e dos saberes ancestrais ao se propor a registrar e trabalhar na escola o *Zerati*, o cântico tradicional Haliti-Paresi.

E, por fim, este trabalho se justifica porque está relacionado ao tema proposto pela linha de pesquisa em “Ensino, Docência e Interculturalidade”. O trabalho registra o conhecimento tradicional e saberes indígenas, de acordo como o contexto pedagógico da escola indígena Haliti-Paresi, para que as novas gerações possam continuar praticando os cânticos do seu povo para não ficar no esquecimento.

A pesquisa tem como objetivo geral contribuir para a inserção, no currículo das escolas Municipal Indígena Zozoiterô e Estadual Indígena Malamalali, os saberes tradicionais sobre o *Zerati*, o cântico Haliti-Paresi. Além disso, mostrar a importância do cântico para nossa espiritualidade tradicional, na valorização e no fortalecimento da nossa essência como povo indígena e para a organização de educação escolar do povo Haliti-Paresí.

E como objetivos específicos propõe-se a registrar o conhecimento Haliti-Paresí sobre o conjunto de cânticos tradicionais, o *Zerati*; valorizar e fortalecer a nossa cultura, especialmente, do *Zerati*, com a participação dos alunos da Escola do Rio Verde e da Escola Cabeceira do Sacre, quanto a importância do cântico tradicional.

Busca, ainda, contribuir para a inclusão no currículo das escolas Haliti-Paresí, principalmente, para as escolas da aldeia Rio Verde e escola Cabeceira do Sacre, o conjunto de

saberes tradicionais sobre o *Zerati* e, por fim, produzir material didático com cânticos na língua Haliti-Paresi.

No contexto desta pesquisa que trata do lugar e do papel do *Zerati*, o canto tradicional na educação escolar, é possível afirmar que a escola pode apoiar e contribuir para o fortalecimento dos processos de ensino e do complexo de cantos rituais.

O problema que se apresenta e justifica a proposição desta pesquisa está, portanto, relacionado à seguinte questão: Como fazer para construir um currículo que possa vir atender a especificidade e a necessidade da comunidade escolar Haliti-Paresi? E pensando, especificamente, sobre o *Zerati*, qual a melhor forma de ensinar esse canto tradicional e outros conhecimentos e saberes tradicionais da cultura do povo Haliti-Paresi para as crianças, aos adolescentes e aos jovens? A educação escolar pode contribuir para fortalecer os processos tradicionais de ensino do *Zerati*? O que a educação escolar pode fazer para que cada vez mais o complexo de cantos rituais seja fortalecido nas aldeias?

A educação escolar indígena Haliti-Paresi tem o desafio de construir o seu próprio currículo, no qual possam ser inseridos os saberes indígenas. E, também, para que se possa buscar cada vez mais a valorização e o fortalecimento do cântico tradicional e outros saberes indígenas do cotidiano da comunidade das aldeias.

Este trabalho toma como referência o *Zerati*, palavra que designa o amplo e complexo conjunto de cantos das festas tradicionais, oferendas, flautas sagradas, flechas sagradas, *txihyali*, *Zero*, *Zolane*, reza, benzeção, entre outros rituais que fazem parte da cultura Haliti-Paresi. Ele atende a proposta pedagógica e a construção de uma coletânea de textos que podem ser utilizados como material didático no contexto do currículo da educação escolar indígena Haliti-Paresi.

Esta dissertação está organizada em seções, a iniciar pela seção introdutória com os objetivos da pesquisa. A segunda seção apresenta a metodologia, realizada a partir de relatos de como foi realizada a pesquisa. A terceira seção é sobre os Haliti-Paresi, geo-história do povo, cultura, língua e relação com os cantos. A quarta seção discute o *Zerati* como expressão de vida e cultura Haliti-Paresi, a música no universo Haliti, estudos e tradição, expressão do *Zerati* na cultura material e imaterial na aldeia Rio Verde. Traz, ainda, o lugar e as aprendizagens da mulher Haliti na expressão cultural do *Zerati*, o lugar e as aprendizagens do homem Haliti na expressão cultural do *Zerati*, preocupações e transformações e uma reflexão sobre o *Zerati* e as novas gerações.

A última seção é a discussão sobre o *Zerati* no currículo da educação escolar indígena, o currículo diferenciado, específico, bilíngue. Discute, também, o *Zerati* no contexto

pedagógico, trazendo as oficinas com os estudantes do ensino médio, produção das coletâneas sobre o *Zerati*, produção de um pequeno documentário junto aos alunos do ensino médio sobre o *Zerati*. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2 METODOLOGIA: RELATOS DE COMO FOI REALIZADA A PESQUISA

Inicialmente, considerando o caráter desta pesquisa, as atividades de campo e as oficinas mantiveram estreita vinculação com o planejamento das atividades curriculares dos estudantes do Ensino Médio, matriculados na Escola Estadual Indígena Malamalali¹ da aldeia Rio Verde e na sala de aula anexa que fica na aldeia Cabeceira do Sacre.

Todas as atividades de pesquisa de campo e registros foram realizadas com os estudantes, e as oficinas foram consideradas como ações pedagógicas de fortalecimento da cultura e da aprendizagem em contexto escolar.

Os processos de estudo e registro sobre o *Zerati*, como propôs esta pesquisa, foram planejados como atividade curricular durante o ano letivo que deveria coincidir com o primeiro ano da pesquisa, porém, por causa da pandemia da Covid-19, a maior parte das atividades da pesquisa foi realizada no início ano de 2022, principalmente, entre os meses de fevereiro, março, junho e agosto.

2.1 A pesquisa no seu desenvolvimento

A pesquisa desenvolvida tem como base a pesquisa-ação, pesquisa de campo e a observação participante. “Na pesquisa-ação educacional, além dos professores, os alunos também adquirem uma atitude investigativa” (THIOLLENT, COLETTE, 2020, p. 59) e foi assim a pesquisa ação com a participação de alunos do ensino médio, professores e de mim mesma, a pesquisadora.

Vale destacar que:

[...] a pesquisa-ação é vista como estratégia de auto-formação. Estudantes e docentes atuam como membros ativos pertencentes a coletividades, instituições ou comunidades rurais ou urbanas, implicados em práticas sociais relacionadas com associações, cooperativas, sindicatos, grupos políticos ou de expressão cultural, dentre outros (THIOLLENT, COLETTE 2020, p.61).

Nos dizeres acima, incluímos, também, a pesquisa realizada em aldeias indígenas.

Na minha pesquisa, as práticas estão relacionadas à expressão cultural do meu povo Haliti e à preocupação da educação e do registro, no currículo escolar, apenas daquilo que é possível, sempre mantendo forte a nossa própria cultura.

¹ A gestão da escola, a comunidade e o cacique tem conhecimento das ações que envolvem a realização de um projeto de mestrado profissionalizante sendo que estão acordados sobre as necessidades daí decorrentes.

Fiz a pesquisa de campo indo a todos os lugares que precisava para coletar as informações para este estudo, que ficou organizado em etapas, com envolvimento de todos da comunidade, principalmente, dos alunos do Ensino Médio e dos professores que foram colaboradores junto com os anciões, idosos e pajés.

As observações foram participantes porque faço parte do meu povo Haliti, estou com eles, e observei participando mesmo. De acordo com André (2005), a observação participante vai procurar entender uma cultura e usa os registros de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias e gravações, e ainda procura descrever os sistemas de significados culturais dos sujeitos, ou seja, daquele grupo que está sendo estudado, fazendo parte da pesquisa.

A pesquisa foi realizada em etapas. A primeira etapa da pesquisa de campo foi iniciada no período em que começou a pandemia e depois se estendeu até o ano de 2022. Nesta etapa inicial, para entender a importância do *Zerati*, foram realizadas entrevistas com os mais velhos, com a finalidade de compreender o sistema mítico e simbólico, bem como, a natureza das performances dos cantadores e dançadores. A entrevista com anciões, idosos e pajés teve a intenção de recolher informações, levantamento sobre os cânticos do *Zolane* e *Zerati*, saberes culturais fundamentais nesta pesquisa.

Uma segunda etapa desta pesquisa teve uma dimensão histórica e objetivou ampliar a compreensão do modo como os Haliti-Paresi vivem e atualizam os elementos da sua cultura relacionada ao canto e à dança. A pesquisa seguiu o padrão metodológico de pesquisadores indígenas e não indígenas, que trabalham com etnomusicologia, utilizando, principalmente, os recursos dos aparelhos celulares, bastante populares entre os estudantes indígenas na aldeia do Rio Verde. A proposta metodológica, para a realização deste estudo, pressupôs tanto as estratégias próprias da pesquisa sobre música que compreendem, principalmente, a gravação de áudios e vídeos, quanto a observação nas festas tradicionais, nas atividades do dia a dia, nas atividades na oficina e na produção de vídeo.

Nesta etapa, também foi construído um pequeno acervo a ser disponibilizado nos computadores das escolas, podendo também ser baixado em aparelhos celulares de imagens e sons relacionados ao *Zolane* e *Zerati*.

Vale ressaltar que o material recolhido pela Comissão Rondon desperta entre os Haliti um grande interesse, no entanto, ainda se tem pouco acesso a este material histórico, sendo socializado apenas pequenos recortes do que a Comissão Rondon recolheu no início do século passado, e é por isso que estou organizando um material próprio do povo Haliti-Paresi.

Para esta produção de material em vídeo e coletânea de textos, foram realizadas duas oficinas, a primeira na aldeia Cabeceira do Sacre e a segunda na aldeia Rio Verde, ambas com os estudantes do Ensino Médio e colaboração dos professores/as. O objetivo foi editar um pequeno documentário e um livro *online*. A produção dos textos, do vídeo e as oficinas são ações pedagógicas de aprendizagem que contribuem e ajudam no processo pedagógico, dessa forma, seguiram muito fortemente o objetivo de valorizar os adultos idosos, anciões e pajés como detentores desses conhecimentos tradicionais.

Os participantes diretos da produção do estudo dos materiais foram os alunos do Ensino Médio, mas quem deu sustentação para a pesquisa foram os consultores nativos e todo o processo de observação e participação das atividades de expressão cultural da cultura do meu povo Haliti-Paresi.

3 SOBRE O POVO HALITI

Para falar sobre o meu povo Haliti-Paresi, trago o texto sobre a nossa história de origem, também explico que não é muito fácil citar a história de origem porque ela não se modifica, mesmo que esteja publicada em outros materiais. A principal referência do meu povo Haliti é a história de origem, ela inicia com a história de origem dos ancestrais do povo. Ela em uma forte ligação com nossa identidade Haliti-Paresi, com a organização sociocultural e a territorialidade.

A história de origem que vou registrar é resultado de uma gravação feita no início de fevereiro de 2020, em diálogo com o senhor Maurinho Nezokie. Ele explicou que no princípio não havia outros seres humanos que habitavam a terra, somente *Enore* (Deus) e seus dois filhos que viviam aqui na terra, *Imyazaharee Zokozokoidyo*.

Certo dia, *Enore* chegou cansado da sua caçada e pediu para os filhos buscar água para ele. Ao lado do rio, escutaram barulho dentro de uma pedra. Eram os ancestrais dos Haliti que estavam cantando e dançando. De tanto medo que sentiram, não conseguiram pegar água, então voltaram correndo para contarem ao seu pai, que tinham escutado um barulho dentro de uma pedra. O pai pegou sua borduna *Olomaikyoehore eTxiditxihyore*, pôs no ombro sua e desceu para o rio, onde os filhos tinham escutado o barulho. Ele fez relâmpago e bateu três vezes na pedra, fazendo uma rachadura nela. Depois que bateu na pedra, viu que tinha gente dentro da pedra, todos estavam desmaiados, viu que eram pessoas boas que nunca fizeram nada de ruim para ninguém. Então, falou para os filhos:

_ Vamos embora, filhos! Acho que fiz mal para pessoas boas que nunca fizeram nada para ninguém.

Poucas horas depois, acordaram e continuaram cantando e dançando novamente. Certo dia, um pássaro chamado *Mazazalane* (urubuzinho) estava deitado na sua rede e viu um pequeno buraco na rachadura da pedra e saiu por ele. Então, ficou muito admirado com tudo que tinha visto na terra, pois a vegetação era de uma imensa beleza, com muitas flores cheirosas no campo. Ele coletou algumas flores, guardou dentro do seu bernal e, mais tarde, retornou para dentro da pedra. Depois que voltou para dentro da pedra, deitou na sua rede e começou a pensar em que tinha conhecido fora da pedra. *Wazare* disse:

_ Qual é o motivo da sua tristeza, tio *Mazazalane*, no meio da nossa festa?

_ Por isso, estou pensando quando vamos sair para o lugar que conheci. *Wazare* perguntou:

_ Como nós podemos sair se não tem nenhuma saída na pedra para sairmos? O tio *Mazazalane* respondeu:

_ Esses dia atrás, conheci um campo muito bonito e o ar perfumado de flores. *Kamaehiye*, o irmão mais velho de todos, disse:

_ Você! Como assim, um pássaro consegue ver o mundo lá fora? Eu que sou o sábio não conheço este mundo lá fora. Um pássaro como você conhece o mundo lá fora?!!

_ Estou falando a verdade. Trouxe comigo várias flores aqui dentro do meu bernal para mostrar a cada um de vocês. Foi então, que mostrou o buraco que tinha na rachadura da pedra,

Então *Wazare* chamou todos os animais roedores e algumas aves para aumentar o buraco que tinha na pedra para que todos pudessem sair. Todos os roedores tentaram aumentar o buraco, mas os dentes deles acabaram quebrando e o bico de algumas aves também quebraram. Foi então que a ave chamada *Waitataretse* (pica-pau-anã) conseguiu aumentar o buraco da pedra. Depois que o *Waitataretse* terminou de aumentar o buraco da pedra, *Wazare* e seus irmãos saíram com seu povo do interior da pedra para habitar a terra, o mundo novo que o pássaro *Mazazalane* tinha conhecido, que viria a constituir-se no mundo Haliti.

Wazare e seus irmãos contribuíram de diversas formas para a formação deste mundo que é a Terra. Os irmãos eram: *Wazare*, *Kamazo*, *Zakalo*, *Zaloiya*, *Zalore*, *Kono*, *Tahoe* e *Kamaehiye*. *Wazare* foi o primeiro a sair de dentro da pedra, era o mais velho dos irmãos, que orientou a saída dos irmãos que eram mais novos e cuidou para que cada um dos irmãos tivesse um lugar para morar, encaminhando cada um para diversos locais do novo mundo que tinham acabado de conhecer. E também as doenças, a inveja e as maldades saíram junto com o povo do líder *Wazare*.

A história de origem Haliti-Paresi revela que esse mundo existia antes de *Wazare* chegar, mas que por seu intermédio orientou a saída dos outros, distribuindo cada irmão pelas cabeceiras dos rios da região, definindo assim seus respectivos territórios e nomeando todas as coisas que existiam na terra. Quando saíram de dentro da pedra, tinham uma aparência singular, eram peludos, possuíam caudas, tinham dentes compridos, membranas entre os dedos das mãos e dos pés, sugerindo que estivessem em um estado quase humano. Ocorreram diversos acontecimentos para a transformação da aparência dos irmãos e seu povo, isso aconteceu num processo gradativo, que contou com o auxílio de seres do mundo dos insetos e animais como cutia, mutuca e formiga, que moldaram o corpo dos ancestrais para que atingissem a forma Haliti-Paresi.

Entre eles havia um homem chamado de *Koitihyore*, que não tinha arrancado todos os pelos corporais. Este homem era muito rico, ele tinha gado, cavalo, galinha, porco, ferramentas e dinheiro, que ofereceu para partilhar com *Wazare*. Mas *Wazare* não aceitou e disse:

_ Eu não quero gado, cavalo, galinha e porco, porque vão fazer o pátio da aldeia ficar sujo e nojento.

_ Não quero ferramenta, porque são envenenadas. Vão matar meus filhos.

_ Não quero seu dinheiro, porque os meus filhos podem se desentender por causa do dinheiro. Você e seu povo vão para o outro lado da ponte de pedra, e não se misture com meu povo. Assim, *Koitihyore* foi para bem longe, ficou com a sociedade não indígena e teve muitos filhos.

Os irmãos de *Wazare* tiveram filhos, surgindo os subgrupos entre os Haliti. Os *Kozarene* (filhos de *Kamazo*), os *Katxiniti* (filhos de *Zaolore*), os *Warere* (filhos de *Kono*), os *Kawali* (filhos de *Tahoe*) e os *Waymare* (filhos de *Zakaloe Zaloia*). Os *Waymare* são filhos de dois irmãos que mantiveram relações sexuais com a mesma mulher. *Wazare* e *Kamaihiye* não tiveram filhos e não deixaram descendentes. Devido a isso, os descendentes que eram filhos de um grupo de irmãos não era aconselhado o casamento entre seus filhos, por ser endogamia nos subgrupos.

Wazare deixou tudo encaminhado para seus irmãos. O seu irmão *Zaolore*, ancestral do subgrupo *Katxiniti*, foi designado ao território que vai do *ZotyahaliWinya* (Rio do Sangue) até a cabeceira do *Wazolahatya* (Córrego da Tartaruga). Ficou responsável também do *AhozaWinya* (Cabeceira do Lobo Guara), a *TolomareTsewe* (Cabeceira do Pica-Pau da Cabeça Vermelha) e o Rio *KawiInaza* (Rio Parecis), afluentes do Rio Arinos. O seu irmão *Kamazo*, ancestral do subgrupo *Kozareze*, foi encaminhado para a região no divisor de águas dos rios Juba, Cabaçal, Jauru, Guaporé, Buriti e Juruena. Ele fez a distribuição do território entre seus irmãos, para evitar a competição pelos recursos naturais entre eles e entre seus filhos, ficando cada um com seu local específico. Depois que fez o encaminhamento de todos seus irmãos, ele voltou para o seu mundo de origem, através do buraco por onde tinha saído de dentro da pedra. Dela ele zela por seus irmãos e seus descendentes até hoje.²

As aldeias Haliti-Paresi são unidades políticas autônomas, e somente aquelas que formam um grupo local participam diretamente da vida naquela comunidade. As decisões relativas à vida social são de responsabilidade daquele grupo. De um modo geral, é inconcebível

²A organização textual dessa narrativa contou com o auxílio da professora Fernanda Seidel da Silva.

a ideia de que a comunidade de outra aldeia possa vir a intervir diretamente nos assuntos de outra comunidade local que não é o seu. O destino de uma aldeia está nas mãos de seu cacique e sua comunidade, e as deliberações daquele que lidera a sua comunidade local deve ser respeitada pelos outros caciques, não sendo admissíveis quaisquer tentativas de discussão no sentido de decisões que não sejam aquelas decididas pela respectiva aldeia.

Antigamente a organização social do povo Haliti-Paresi funcionava da seguinte maneira: cacique geral, cacique, pajé, parteira, ancião e comunidade. O cacique geral é o responsável por todas as aldeias Haliti-Paresi, ele é a pessoa que vai cuidar para que todas as aldeias vivam em harmonia, só interfere em uma aldeia quando o cacique da aldeia não consegue resolver os problemas da sua aldeia.

O cacique era e é o responsável pela organização da aldeia, o pajé médico tradicional e espiritual da comunidade, a parteira a pessoa que cuidava do parto das mulheres da aldeia, o ancião a pessoa que ensinava as novas gerações com o conhecimento tradicional Haliti-Paresi e a comunidade estava sempre à disposição do cacique para as atividades da aldeia.

O cacique tem o papel fundamental na organização da aldeia junto com sua comunidade, sendo o responsável para organizar a aldeia e todos os trabalhos que são referentes à aldeia. Tinha grande poder e respeito pela sua comunidade.

Atualmente a organização social do meu povo Haliti-Paresi sofreu algumas mudanças significativas. Hoje temos cacique geral, cacique, lideranças, pajés, anciões, profissionais da educação, profissionais da saúde e comunidade. Cada um tem um papel importante na sua comunidade, além do mais, as lideranças, os profissionais da educação e da saúde vêm ajudando o cacique nas tomadas de decisões que se referem ao bem-estar da aldeia, com o apoio da comunidade.

As mudanças vieram para melhorar muito mais a qualidade de vida das pessoas da aldeia, com isso, o cacique vem tendo mais respaldo da comunidade da aldeia, a política local ficou mais forte, o que facilitou conseguir as coisas reivindicadas pela comunidade. Hoje todos lutam pela mesma causa e todos juntos em busca do mesmo objetivo.

As aldeias Haliti-Paresi são unidades políticas e econômicas, cada uma com suas próprias áreas para caçar, pescar, fazer coleta e roça tradicional, que estão distribuídas no território de origem. A caça e a pesca são atividades tradicionais, fundamentais para a comunidade Haliti partilharem na coletividade. Temos outras fontes de renda para algumas famílias, que confeccionam artesanatos para vender, praticam agricultura familiar e criação de frango. Atualmente a fonte de renda de todas as aldeias são as lavouras mecanizadas, cobrança

da taxa de compensação social e ambiental pela passagem na MT 235 (Rodovia João Arrezomae) e compensação da PCH Salto Belo.

3.1 Geo-História do povo Haliti

Apesar de sermos conhecidos como Haliti-Paresi, nos autodenominamos como Haliti, que significa gente/pessoa, temos a essência humana, como qualquer cidadão brasileiro. Como os demais povos indígenas, temos organização política e sociocultural própria, especificidade econômica de autossustentação e também tradicional.

De acordo com Azonayce (2017), o território tradicional era imenso e atingia toda a região do médio norte do estado de Mato Grosso, conhecida por Chapadão dos Parecis. Essa região era cortada por rios que correm para o Norte, em direção ao rio Amazonas e para o Sul ao encontro do rio Paraguai. É importante salientar que é o planalto do Chapadão dos Parecis que faz divisa com as bacias do Prata e do Amazonas, região considerada como a maior planície em extensão contínua do planeta, constituída de matas ciliares, campos baixos e cerrado.

A organização cultural do povo Haliti era baseada em cinco grandes subgrupos: *Kaxiniti*, *Waymare*, *Warere*, *Kozarene* e *Kawali* (extinto). Estes subgrupos viviam em um único território tradicional, compartilhavam a mesma visão de conceber o mundo com as explicações sagradas e míticas, ainda assim, tinham formas de viver e características culturais diferentes.

O primeiro contato com o imuti (não indígena) deu-se através da invasão de bandeirantes paulistas no século XVIII, (1718/19), onde o Bandeirante Antônio Pires de Campos, em 1723, fez o primeiro registro. Na época os bandeirantes tinham como objetivo principal buscar metais e pedras preciosas, como: diamante, ouro, esmeralda, e escravizar os nativos para trabalharem nos canaviais do litoral das provinciais. Sendo a primeira frente de perseguição que afetou a vida do povo. Com base nesse referencial histórico, afirmamos que povo Haliti Paresi tem mais de 300 anos de contato com a sociedade não indígena (AZONAYCE, 2017, p 103).

Ainda conforme Azonayce (2017), na metade do século XIX, aconteceram várias invasões de diversas frentes econômicas, como mineradoras e os extrativistas, seringueiros e os poiaeiros, aqueles que buscavam a poaia, vegetal rico em analgésico. Essas invasões eram com extrema violência e assassinato, e foram responsáveis por quase levar o povo ao extermínio.

Em 1907/10, o então Tenente Cândido Mariano da Silva Rondon (Comissão Linhas Telegráficas sob a liderança de Rondon) adentrou no telegráfica que ligaria Mato Grosso ao Amazonas. O governo como sempre não se preocupou com as consequências que trariam as suas ações às populações indígenas (AZONAYCE, 2017, p 103.)

Os Haliti-Paresi têm aproximadamente 300 anos de contado com os não indígenas, e desde o momento que tiveram o contato com os *imuti* (não indígenas), a vida do Haliti Paresi teve muitas mudanças e transformações ao longo dos anos. Além das mudanças e transformações, vieram as doenças que quase dizimaram nosso povo ao longo dos anos. As doenças como gripe, sarampo e tuberculose foram as que mais causaram mortes nas aldeias.

A tuberculose foi a doença que os Haliti-Paresi chamavam de *niditihenehe* (feitiço da magreza). Eles falavam que era um tipo de feitiço que deixava a pessoa muito magra, antes de levar a óbito. Foi nessa época que a população Haliti-Paresi chegou a ter somente 300 pessoas, isso na década de 60.

Nesse período, existiam apenas 12 aldeias Haliti-Paresi, e quem foi o responsável pela organização social, política, econômica e cultural do Haliti foi seu João Arrezomae. Seu João foi um grande líder jovem, que depois de chegar do garimpo viu que seu povo estava acabando, então procurou um meio para que as pessoas não morressem mais de doenças. Com tantos problemas, os Haliti precisavam de um território para sua sobrevivência, e foi assim que começou a luta pela demarcação das terras tradicionais. A partir daí, junto com a demarcação, veio a luta pelo direito à saúde, à educação e por todos os direitos para o povo Haliti-Paresi.

Na época, foi uma luta muito difícil, porque ninguém tinha o domínio da escrita e da língua portuguesa, mesmo assim, ele coordenou a luta em busca dos direitos, com a ajuda de outras lideranças tradicionais. Com o passar do tempo, a população Haliti-Paresi foi aumentando e crescendo cada vez mais.

Na década de 1980, entre os Haliti-Paresi já tinham pessoas que sabiam ler e escrever, então foi ficando mais fácil para articular e reivindicar as questões que eram e é de direito do nosso povo diante dos não indígenas. Na década 1990, já tínhamos mais conhecimento do mundo dos não indígenas e havíamos conquistado muitos direitos, entre eles, a saúde e a educação escolar. Na saúde, até os dias atuais, o próprio indígena trabalha atendendo a sua comunidade; na educação, os professores indígenas cursaram o magistério intercultural e o ensino superior, muitos na Universidade do Estado de Mato Grosso, em cursos de licenciaturas interculturais. Também conquistamos espaço na Fundação Nacional do Índio – FUNAI, com o indígena trabalhando no referido órgão, assim, politicamente estávamos bem organizados.

A partir do ano de 2000, houve uma grande mudança e transformação no meio da comunidade Haliti-Paresi, principalmente, no cotidiano da aldeia, na cultura tradicional, nos costumes e em muitas coisas que pertencem ao meu povo. Entre essas mudanças se encontra o fortalecimento dos Haliti-Paresi nos órgãos públicos, direito de exercer o pedágio, uma vez que

a estrada corta o nosso território; também a experimentação da lavoura, e a entrada de religiões diferentes da cultura Haliti-Paresi.

Também a energia chegou até as aldeias Haliti-Paresi pelo Programa “Luz para Todos”, e com ela veio a internet que tem mudado muito a rotina das pessoas mais jovens das aldeias. Hoje a vida do Haliti-Paresi está em constante transformação, e isso se explica pela intensa articulação com os não indígenas e também com outros povos, inclusive, com os casamentos interétnicos.

Atualmente, são nove terras indígenas demarcadas que compõem o atual território Haliti-Paresi e habitadas por nós. As Terras Indígenas Paresi, Utiariti, Rio Formoso, Juininha, Estivadinho e Figueiras foram homologadas e demarcadas. As Terras Indígenas Uirapuru, Ponte Pedra e Estação Parecis estão em processo de demarcação.

3.2 Cultura: Língua e relação com os cantos

Nós, Haliti-Paresi, somos um povo indígena falante de uma língua da família Aruak e somos habitantes tradicionais da região central de Mato Grosso. A população atual é de 2.186 habitantes, que estão distribuídos em 64 aldeias, nos municípios de Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Conquista do Oeste, Barra do Bugres, Campos de Júlio, Nova Lacerda, Diamantino e Nova Marilândia.

A cultura é forte e bastante espiritualizada e a língua materna é uma forma de expressar as nossas crenças e costumes próprios. O canto e a dança são elementos importantes no cotidiano dos Haliti-Paresi que vivem nas aldeias e que organizam um complexo circuito de festas tradicionais. As festas Paresi são emblemáticas, elas são marcadamente festas da dádiva e um momento de aproximação entres os parentes próximos e distantes (SOUZA, 2010).

As festas tradicionais são feitas com o *Zerati* (cântico Haliti-Paresi), porque é através dele que fazemos todas as coisas que está na nossa cultura tradicional. Como a festa da menina moça, batizado de criança, oferenda, recuperação de doente, da criança que se assustou, na dança e canto da formiguinha, na espuma da raiz do batizado, quando matam animais para alimentação, apresentações culturais, quando o raio acerta em uma pessoa. O *Zerati* tem um significado espiritual importante para o povo Haliti-Paresi, porque pedimos em reza nossa proteção ao *Enore* (Deus).

Todas as festas são feitas com cantos e danças, ressaltando que todos os cantos são feitos exclusivamente na língua materna.

Para que se possa preservar um bem cultural, é importante saber não apenas que ele existe, mas também se a manifestação cultural é praticada pela população local, se as pessoas têm dificuldade ou não em realizá-la, que tipos de problemas afetam, como essa tradição vem sendo transmitida de uma geração para outra, que transformações têm ocorrido, quem são as pessoas que hoje atuam diretamente na manutenção dessa tradição, entre vários outros aspectos relativos à existência daquele bem cultural (BRAYNER, 2012, p. 18).

A autora Els Lagrau (2010) ressalta que o líder do canto masculino é igualmente chamado de *txanaibu*, ‘dono dos japins’. O japim, além de ser um pássaro tecelão, é também aquele que imita o maior número de cantos de outros pássaros e animais. As mulheres aprendem cantos que as ajudam a aprender a tecer com desenho, assim como a desenvolver outras atividades produtivas da vida em comunidade, enquanto homens aprendem cantos ligados a sua esfera específica de produtividade.

A capacidade mimética musical, procurada e emulada pelos cantores da aldeia, que absorvem as qualidades desse pássaro no rito de consagração do novo líder de canto 07, importa antes por causa do seu valor ‘produtivo’, do valor ‘representativo’. O canto masculino torna possível a caça, pois ao imitar o canto dos animais, o caçador os chama para perto de si, os seduz para poder capturá-los. O canto feminino torna presente no ritual as entidades donas das substâncias utilizadas para ‘refazer’ o corpo da criança, indo do milho e da água utilizados para produzir a caiçuma às plantas medicinais e tintas utilizadas na sua decoração (LAGRAU, 2010, p. 05).

4 O *ZERATI*: EXPRESSÃO DE VIDA E CULTURA HALITI

Aqui apresento a cultura Haliti-Paresi sobre o *Zerati*, a música, as flautas sagradas e outros instrumentos. Trago a festa tradicional *hitsehaliti*, mostrando os momentos vividos na aldeia Rio Verde.

4.1 A música no universo Haliti: O *Zerati*, estudos e tradição

Falar da música no universo Haliti é falar da nossa cultura e de como as festas rituais acontecem nas nossas aldeias. Os nossos cantos já foram pesquisados por muitos estudiosos e de que se tem notícia, e os primeiros registros sobre a música Haliti-Paresí foram feitos por Roquete Pinto da Comissão Rondon e publicados no livro *Rondônia* (1912). O pesquisador em etnomusicologia Pedro Salles considera que o tema de *Nozani-ná*, recolhido por Roquete Pinto, aparece em várias obras de Heitor Villa-Lobos, compositor que é um ícone na música brasileira.

Na nossa tradição, o *Zerati* significa o fortalecimento espiritual, crença, religião, ritual da menina moça, batizado, recuperação de doente, cura, reza, espiritualidade com a natureza, festa tradicional, flecha sagrada, flauta sagrada, oferenda, dança, canto espiritual, *txihyali*, *zero*, banho com espuma, aprendizado, comportamento, identidade cultural, valorização, educação tradicional, harmonia, coletividade, respeito, língua materna, história, costume, paz, amor, união, felicidade, conhecimento e muitas outras coisas que estão ligadas ao cântico.

Em entrevista narrativa com o cacique Juvenal Azomare da aldeia Kotitiko, desde nossos ancestrais, o cântico já existia. Ele relatou que:

Quando o líder Wazare saiu de dentro da pedra com seus irmãos, quem saiu cantando foi Nare com a flauta chamada Zero (Azomare).

O pesquisador Pedro Salles, já citado neste texto, recentemente realizou um conjunto de pesquisa sobre a música entre os Paresí e chamou a atenção para o papel da música no mito de origem. Ele escreveu na sua pesquisa que:

As flautas e sua música reaparecem no mesmo mito de origem, mas somente quando veio saindo da pedra o povo de Nare, considerado um dos irmãos mais novos de Wazare e o último dos Kinohaliti a sair. Nare e sua gente fizeram uma saída bem diferente da de seus parentes: vieram dançando cantando e tocando a flauta de pã, chamada Zero (pronuncia-se [zêro]) (Salles, Nov. 2017, p. 211).

O cacique Juvenal explicou que o cântico Haliti Paresi é cantado com as flautas sagradas (*Iyamaka*), e estas não podem ser vistas pelas mulheres. Fazem parte desse conjunto de flautas sagradas o *Zeratyalo*, *Amore*, *Imyokolo*, *Tyaidyo*, *Walalo*, *Tyaidyohaloti*, *Walalotse*, *Amoretse* e *Tidyama*. Outros instrumentos usados são a flauta *Zero* e o *Txihyali*, instrumentos feitos de cabaça. Esse instrumento é nasal, ou seja, soprado pelo nariz e assim emite som. Eles fazem parte do cotidiano Haliti-Paresi, e cada um dos instrumentos tem um canto e ritmo diferentes. Esses cantos fazem parte da cultura Haliti-Paresi.

Uma descrição sobre os instrumentos de sopro e outros instrumentos aparece no texto de Max Schmidt abordado por Salles (2017) que identificou outros instrumentos, como podemos observar no texto abaixo:

[...] também há dois tipos de chocalho e as varas-guardas: *Zozani* (ou *Zoza*, ou *Kotxali*) – chocal pequi, de unha de veado ou de unha de porco queixada, presos a uma faixa de tucum trançado. *Walatse* (*Ualace* ou *Ualaçu*) – literalmente ‘cabacinha’, o *Walatse* é um pequeno chocalho de cabaça. É companheiro da flecha sagrada, constituindo-se, como ela, um instrumento para uso de pajés, empregado em cantos de cura e em rezas para benzer e potencializar as oferendas (SALL ES apud SCHMIDT, 2017, p. 224-225).

Dentre esses instrumentos, existe ainda o *Zozani* que é feito de semente de pequi e é amarrado no tornozelo para fazer o som e acompanhar o ritmo da dança e do canto.

Outro instrumento importante é o *Walatse*, este é feito de cabacinha e é usado nas benzeções pelo pajé e também nas rezas. A benzeção serve para benzer criança recém-nascida, pessoa com mau olhado, pessoa que está com espírito mal, menina moça, mulher e homem que está de resguardo, doente, além disso, serve para benzer chuva, vento, relâmpago e outras coisas que fazem parte da natureza e da nossa cultura.

O *Zolane* é a dança que acompanha o *Zerati*. O *Zerati* são os cantos espirituais que vêm das histórias do povo Haliti-Paresi, dos espíritos da natureza. O cacique Juvenal explicou que:

O Zerati (Cântico Haliti Paresi) está presente nas Iyamaka (flautas sagradas) como Zeratyalo, Amore, Tyaidyo, Imyokolo, Walalo, Tyaidyohaloti, Walalotse, Amoretse, que tem o Zero e o Txihyali, que cada um dos instrumentos tem um canto e ritmo diferente. O Zolane tem o cântico de quando entram na casa tradicional (hati) mais ou menos as 23:00 horas para cantar e dançar, tem o cântico da madrugada e o cântico quando esta amanhecendo (Azomare).

Assim a música está presente nas diferentes ritualizações, como podemos observar na citação abaixo:

A música e as Iyamaka desempenham um papel fundamental na dinâmica social e cosmopolítica dos Paresi Haliti, atuando na pessoa paresi, nos grupos familiares, nas aldeias e mesmo no conjunto delas. Sua força é sentida nas performances rituais, que reativam os laços ontológicos e as imanências de planos cósmicos e suas regulações (SALLES, 2017, p. 232).

A música e o cântico Haliti-Paresi são muito importantes para o meu povo, porque como explicou o cacique Juvenal, através dos cânticos usados nas festas tradicionais, os jovens, adultos, idosos, anciões e pajés e homens que sabem cantar, cantam as histórias dos nossos ancestrais e dos espíritos da natureza. O cacique foi explicando sobre o significado dos cantos e as crenças sagradas, relatando que:

Quando estão dançando e cantando com a flauta sagrada no pátio da aldeia, é o momento que acreditamos que Enore (Deus), os espíritos sobrenaturais bons e os espíritos das pessoas que já morreram se incorporam nas pessoas que estão dançando e cantando. O cântico é de suma importância para nossa saúde espiritual, pois nele está as rezas, as bênçãos, a cura de doente, a oferenda e outras coisas que faz parte da nossa cultura (Azomare).

Assim, o *Zerati* serve para fortalecer as pessoas na questão espiritual, para que possam ter boa saúde, para chamar os espíritos da pessoa que está muito doente e nas festas tradicionais, alegrar o dono da festa e os festeiros.

4.2 Expressões do *Zerati* na cultura material e imaterial Haliti na aldeia Rio Verde

Para que o *Zerati* aconteça, é preciso fazer os preparativos da festa, e os preparativos são vivenciados por homens e mulheres. A cultura material é vivenciada com a roça, a colheita, a produção de chicha, a caça, a pesca. E a cultura imaterial são os significados, as crenças, o espiritual que está presente. Tanto a cultura material, quanto a imaterial caminham juntas sem separação.

[...] patrimônio imaterial as práticas contínuas de tradições, as práticas culturais feitas de gerações a gerações, geralmente transmitidas pela oralidade, e estas são fundamentais para as identidades de grupos e de diferentes povos. Assim, reafirma-se que o *Zerati* é um dos patrimônios imateriais do Povo Haliti-Paresi (ZONIZOKEMAIRO e FERREIRA, 2021, p. 83).

Para acontecer o *Zerati*, tem que fazer festa tradicional (*Hitsehaliti*), batizado de criança, menina moça, recuperação de doente e oferenda da alimentação tradicional.

A festa tradicional precisa de alguns elementos como mandioca, chicha, carne de caça, peixe, beiju, banana, batata entre outros alimentos. É preciso, principalmente, ter a roça de mandioca brava para preparar a bebida tradicional que é a chicha e o beiju. Tem que caçar ema, veado, porco queixada, pescar traíra e pacu que são as carnes de caças para a festa tradicional.

Como expressão do *Zerati*, relato a preparação da festa tradicional, festa de batizado de criança, recuperação de doente e oferta de mandioca nova da minha família, que aconteceu em dezembro de 2021. Foi um grande aprendizado para mim, ensinar minha irmã, minhas sobrinhas e minhas filhas. O preparativo da festa tradicional de batizado das crianças e troca de nome de alguns adultos que se recuperaram de doenças requer muita responsabilidade.

Para iniciar o preparativo da festa tradicional, primeiramente, teve uma roda de conversa com todos os membros da família que iriam participar da festa. Nessa roda de conversa, foi orientado a todos sobre o respeito e a dieta que cada uma das pessoas tinha que fazer, durante o preparativo da festa tradicional.

Também foram divididas as funções do trabalho que cada um iria fazer no período da preparação da festa, qual seria o trabalho das mulheres e dos homens. Na roda de conversa, foi definido quem seria responsável em estar à frente para organizar cada detalhe da festa tradicional.

Os homens ficaram responsáveis para limpar o pátio da aldeia, pegar lenha, falar para os caçadores de outras aldeias caçarem ema, veado, porco queixada, pescar traíra e pacu, assar a carne dos animais que os caçadores mataram e os demais serviços que são feitos pelos homens. E assim, os homens, a partir da roda de conversa, saíram para realizar as suas funções, entre elas, a pesca (Fig.1) e a caça (Fig.2).

No segundo momento, os homens caçaram e pescaram e as mulheres foram para roça pegar mandioca para fazer polvilho e raspa para o preparativo da chicha, que é a bebida, também, foram fazer massa para o beiju.

Figura 1: Peixes



Fonte: Valcir, 2021

Figura 2: Veados



Fonte: José Azomaré, 2021

Eu, Nilce Zonizokemairô. fiquei responsável pela preparação da parte da chicha, ensinar outras mulheres no preparativo da alimentação tradicional (Fig. 3, 4, 5) para a festa.

Durante os dez dias de preparativo para festa tradicional, houve momento que fiquei preocupada de não dar certo, devido nunca ter feito sozinha a chicha e outros alimentos tradicionais, pois sempre tive minhas duas irmãs no preparativo da bebida tradicional e dos alimentos tradicionais. Sem ajuda delas, ficou mais difícil, porque minha outra irmã, minhas duas filhas e minhas sobrinhas não tinham experiências no preparativo da festa tradicional. Os homens ajudaram a levar os sacos de mandioca para a *hati*.

Figura 3: Na roça pegando mandioca brava



Fonte: Alessandra Zezezokenazokero, 2021

Figura 4: Raspando mandioca



Fonte: Alessandra Zezezokenazokero, 2021

Figura 5: Torcendo massa da mandioca



Fonte: Alessandra Zezezokenazokero, 2021

O terceiro momento foi o dia de torrar o polvilho, socar a raspa e torrar, encher os baldes grandes de água para fazer a chicha (*oloniti*). Neste dia, todas as mulheres da aldeia ajudaram.

Para festa tradicional, foram feitos 550 litros de chicha, 250 litros de chicha de polvilho, 250 litros de chicha com a mistura do polvilho com a raspa e 50 litros de chicha de abacaxi. Para fermentar a chicha, torrei o polvilho (Fig.6) para mascar e colocar na chicha para que ela

pudesse fermentar e ficar no ponto para os festeiros tomar. Eu e minha sobrinha Thyailane mascamos o polvilho torrado para que a chicha pudesse fermentar.

Figura 6: Torrando o polvilho



Fonte: Willian Mars Cristiano Nozokemai (2021)

Após mascarmos o polvilho torrado para fermentar a chicha, tivemos que guardar dieta alimentar para que a chicha não estragasse. A dieta alimentar é a manifestação da cultura imaterial, daquilo que acreditamos e das relações que existem da mulher Haloti com a preparação da chicha. As mulheres que mascam o polvilho estão ligadas espiritualmente com a chicha, e se não seguir a dieta, tem consequências diretas na bebida sagrada, quando preparada para a festa tradicional.

Os alimentos que podíamos comer era mandioca cozida na água ou enterrada na brasa do fogo, beiju, café e carne de ema, na parte que não tinha gordura. Ficamos seis dias sem comer os alimentos industrializados e alguns alimentos tradicionais. Depois que a chicha ficou pronta, foi colocada em cabaças e em baldes grandes. A chicha fica no meio do esteio da casa tradicional (Hati) (Fig.7).

Figura 7: Armazenamento da chicha



Fonte: Willian Mars Cristiano Nazokemai, 2021

O quarto momento foi quando tudo estava pronto, tanto a chicha, quanto os alimentos tradicionais e alimentos industrializados, ou seja, foi o momento da reza. Todos os alimentos foram colocados num varal para serem oferecidos para os espíritos bons. Quem fez a reza dentro da *hati* foi o pajé Maurinho (Fig.8) da aldeia Kolidiki e o cacique Juvenal da aldeia Kotitiko.

A reza é muito importante na festa tradicional, é através dela que se faz a oferenda dos alimentos e de todas as coisas que são colocadas para a *Iyamaka* (flauta sagrada), *Maiyohetikatse* ou *KoreWaiyeze* (flecha sagrada) e *Txihyali* (instrumento feito de cabaça). São essas três entidades divinas que compõem a religião do povo Haliti Paresi.

São poucas pessoas que conhecem e sabem os cânticos, as rezas e as benzeções, que os pajés são as pessoas que tem mais conhecimento sobre os cânticos e além, disso ele passa a folha para a curar a pessoa que está doente espiritualmente (feitiço), as rezas e benzeção que alguns adultos, idosos e anciões só sabem os cânticos e tem uns que só sabem rezar e benzer. Tem cânticos, rezas e benzeção que podem ser usados somente em momentos especiais ou quando for preciso mesmo, porque faz mal para as pessoas se for usado em momentos

inadequados e pode ser castigado ou acontecer coisas ruins com as pessoas que desrespeitaram as regras da cultura Haliti-Paresi (Azomare).

É muito importante para quem está preparando a festa tradicional que tenha muito respeito com todas as coisas que estão sendo feitas para *Enore* (Deus), seus anjos da guarda e seus guardiões espirituais.

A reza é o momento de renovação espiritual de cada criança que vai ser batizada, ter a nomeação indígena, momento em que a criança terá seu anjo da guarda e o seu lugar sagrado. É também o momento de agradecimento de quem ficou doente ou se machucou e se recuperou, é o momento das pessoas agradecerem por ter mais uma chance de ter se recuperado da doença ou do acidente que sofreu e se salvou.

Figura 8: Pajé cantando reza para *Enore*



Fonte: Willian Mars Cristiano Nazokemai, 2021

O quinto momento é o dia da festa tradicional, o dia de fazer a reza no pátio da aldeia para *Enoharetse* (Deus), lugar também onde foram colocadas a chicha e a alimentação tradicional no centro do pátio (Fig. 9).

Figura 9: Chicha, carne e beiju para Enoharetse



Fonte: Claudemir Hunyzokemaese, 2021

É nesse dia que as crianças e os adultos doentes vão ser batizados, eles tomam banho com espuma benzida para purificação e poder receber o nome indígena. Recebem o nome indígena a criança-bebê (Fig. 10) e o adulto que estava doente; se a pessoa ficou doente apenas uma vez, ela pode pedir para ser chamada com o próprio nome, porém, se ficou mais vezes, é aconselhável que troque o nome. Esse ritual é feito na parte da manhã, às 11 horas.

Figura 10: Dando banho na criança com espuma benzida



Fonte: Neudvania Onaezokenazokaerose, 2021

Na parte da tarde, é hora de esperar a chegada dos festeiros das aldeias convidadas. Após a chegada dos festeiros, as mulheres são levadas para dentro da *hati* (casa tradicional), onde suas redes são armadas e depois os donos da festa dão carne de peixe, ema, veado, porco queixada, beiju comida, chicha e refrigerante para as mulheres se alimentar e tomar. A noite toda, são servidos chicha, café, leite, suco, pão, frutas, doces, balinhas, bombons e outros alimentos.

No sexto momento, os homens continuam no pátio da aldeia e os donos da festa vão até a *hati* onde estão os alimentos e bebidas e também onde estão as mulheres e crianças. Eles pegam com elas a chicha, a carne de peixe, ema, porco queixada e veado, tudo que os festeiros pedem, enquanto estão cantando com a flauta sagrada perto da casa tradicional. Somente os homens podem ver a flauta sagrada, eles são os responsáveis de dançar, cantar e tocar a *Iyamaka* (flauta sagrada) durante a noite.

É neste momento que os cantores cantam as músicas que falam da história dos ancestrais do povo Haliti-Paresi, cantam falando se a chicha está boa para tomar e se os donos da festa tradicional respeitaram mesmo todas as coisas que foram feitas para a *Iyamaka* (flauta sagrada), *KoreWaiyeze* (flecha sagrada) e *Txihyali*.

Quando a festa tradicional é só de um dia, os homens começam a dançar, cantar e tocar a flauta sagrada das 18 às 23 horas. Quando a festa tradicional é de dois dias, na primeira noite, começam a dançar, cantar e tocar a flauta sagrada, das 17 às 23 horas; na segunda noite, começam às 2h30 da madrugada até amanhecer o dia.

Antes da festa, as flautas sagradas estavam reclusas na casa de flautas, mas durante a festa tradicional, elas são “[...] despertadas pelos seus donos e festeiros, são colocadas a movimentar-se pelo pátio da aldeia extrapolando seus limites materiais, emanando suas “vozes” em pura propagação sonora” (Aroni, 2019, p. 120).

Depois que amanhece, os homens guardam novamente a flauta sagrada na casa da flauta (Fig.11). Antigamente, as mulheres *haloti* não chegavam tão perto da casa da flauta sagrada quando tinha oferenda dos alimentos tradicionais, por ser um local restrito só para homens. Atualmente, houve muitas mudanças e transformações na cultura do meu povo, hoje as mulheres chegam perto da casa da flauta sagrada quando tem oferenda para poderem partilhar os alimentos que estão sendo oferecidos para a flauta sagrada. Mas sempre respeitando, para não ver a flauta sagrada, e mesmo chegando perto da casa da flauta sagrada, *ashaloti* nunca entraram onde está a *Iyamaka* (flauta sagrada).

O sétimo momento é quando acontece a dança do *Zolane* dentro da *hati* (casa tradicional), onde as mulheres participam da dança, o único momento que elas podem

participar. A dança do *Zolane* começa a partir das 23 horas e vai até o dia amanhecer, na primeira noite. Na segunda noite, começa às 19 horas e vai até as 2h 30 da madrugada.

Figura 11: Casa da *Iyamaka* (flauta sagrada)



Fonte: José Azomare, 2021

Zolane é uma dança muito importante, porque é neste momento que os rapazes mais jovens têm a oportunidade de aprender a cantar com os mais velhos, é quando acontece a socialização entre homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças. É também o momento em que são repassados os conhecimentos tradicionais do povo Haliti-Paresi, sobre o *Zerati*.

Figura 12: Dança do *Zolane*



Fonte: Neudvania Onaezokenazokaerose, 2021

O oitavo momento é o dia do batizado (Fig.13 e 14), nominação das crianças e a troca de nomes de pessoas que se recuperaram de doença e acidente grave. Este momento acontece na parte da manhã, às 6 horas, logo que param de dançar o *Zolane*, quando é só um dia de festa. Quando param de dançar com *Iyamaka* (flauta sagrada), quando são dois dias de festa, cada aldeia convidada vai ser responsável para chamar a criança ou o adulto com o nome indígena que o pajé escolheu para ele ou para ela. Para o batizado de cada criança, são colocados alimentos tradicionais e industrializados para Enore (Deus), para os espíritos e para o anjo da guarda da criança ou do adulto.

Figura 13: Batizado Zozoizokemaeece



Fonte: Willian Mars Cristiano Nazokemai, 2021

Figura 14: Batizado de Korezokemaeece



Fonte: Willian Mars Cristiano Nazokemai, 2021

A renovação do nome é uma ação muito importante, porque é um ritual dos adultos, pois quando renovam o nome, renovam também a vida e trocam os seus guardiões, porque se tornam também outra pessoa pelo renascimento. Assim novas situações serão vivenciadas na vida. Uma pessoa pode trocar de nome quantas vezes quiser. Apenas na primeira vez, a pessoa pode não trocar de nome, depois se ficar doente de novo é preciso trocar de nome para poder ter mais força e saúde.

É nesse ritual que os convidados partilham os alimentos entre eles, é um momento muito especial e único para quem recebe o nome indígena do seu povo, é o momento de renovação espiritual e fortalecimento da saúde espiritual.

Figura 15: Renovação nome Oloizokekema



Fonte: Willian Mars Cristiano Nazokemai, 2021

Figura 16: Renovação nome Zanazokaero



Fonte: Willian Mars Cristiano Nazokemai, 2021

Figura 17: Renovação de nome (Omoizokemairo)



Fonte: Willian Mars Cristiano Nazokemai, 2021

Figura 18: Primeiro nome Haliti (Kenaizokema)



Fonte: Willian Mars Cristiano Nazokemai, 2021

O nono momento é a dança e o canto com o *Txihyali* dentro da *hati*, casa tradicional. Os homens cantam e sopram com o nariz o *txihyali* para emitir o som, só os homens participam da dança e do cântico. As mulheres que são donas da festa são as responsáveis para dar a chicha para os homens tomar; eles cantam o que sabem sobre os donos das festas, depois pegam a carne e o beiju e os alimentos que foram colocados para oferecer para o *Txihyali* e vão para o pátio fazer a partilha do alimento oferecido.

O *Zerati* tem a ligação com a festa tradicional, roça tradicional, reza, benzeção, *zero*, *zolane*, *txihyali*, *iyamaka* (flauta sagrada) e flecha sagrada. Para ter o *Zerati*, precisa fazer festa tradicional ou oferenda dos alimentos tradicionais para a flauta sagrada, flecha sagrada e *txihyali*.

Durante a festa tradicional, observei os jovens, os adolescentes e as crianças que estavam participando da festa, com isso, percebi que são poucos os mais jovens e adolescentes que acompanham os adultos, os velhos e anciãos no pátio da aldeia, durante a dança e canto com a *Iyamaka* (flauta sagrada), mesmo que este seja o momento de socialização com quem detém o conhecimento do *Zerati*, que seja o momento de aprender a cantar.

No *Zolane*, a participação dos jovens, adolescente e crianças é maior, mas são poucos que estão preocupados em aprender o cântico Haliti-Paresi, poucos se socializam e estão dançando para aprender a cantar. Percebi que alguns jovens sabem cantar, mas têm vergonha de cantar em público.

Essas são expressões da cultura Haliti-Paresi, e são fundamentais para a identidade do meu povo.

4.3 O lugar e as aprendizagens da mulher *haloti* na expressão cultural do *Zerati*

A mulher *haloti* tem um lugar especial no *Zerati*, como já foi dito. Ela participa de toda a preparação, e quando é feito o *Zolane* ela dança. Mas, além disso, ela é uma ouvidora e aprendiz dos cantos, não canta no ritual, mas pode ensinar seus filhos e netos.

A anciã Tarcila Konizokero (Fig. 19) aprendeu a cantar alguns cânticos Haliti-Paresi nas festas tradicionais, ouvindo os homens que sabiam cantar o *Zerati* e participando da dança do *Zolane*. Sobre as rezas, ela explicou que também aprendeu ouvindo.

Aprendi algumas rezas ouvindo o senhor João Arrezomae e a senhora Petromilia Zowezokero, quando faziam a reza de oferenda da alimentação tradicional, a reza feita dentro da hati e no pátio da aldeia, eu observava e prestava atenção quando seu João e dona Petromilia faziam o canto das rezas para Iyamaka (flauta sagrada) Maiyehotikatse (flecha sagrada) e Txihyali, para o Enore (Deus), seus anjos e os espíritos bons e pela necessidade em aprender para poder fazer oferenda e nas festas tradicionais (TarcilaKonizokero).

Figura 19: Tarcila Konizokero



Fonte: Nilce Zonizokemairô, 2022

À medida que fazia a entrevista e aprendia, ela cantou dois cânticos Haliti-Paresi que tinha aprendido quando era mais jovem. Ressaltou que, com o tempo, teve que aprender o canto de reza por causa da necessidade que tinha quando ia fazer oferenda para *Iyamaka* (flauta sagrada), *Maiyohetikatse* (flecha sagrada) e *Txihyali*, para que não precisasse chamar outra pessoa para fazer a oferenda. Ela também falou da importância que tem em manter a cultura Haliti-Paresi viva, que a nova geração precisa valorizar e fortalecer cada vez mais o cântico Haliti-Paresi, porque está ligado a todas as coisas que faz parte da cultura tradicional do nosso povo.

Ouvi e gravei os cantos, e os apresento em língua materna:

Kakawakore ama

Kakawakore ama,
Kakawakore ama,
Nozalike ama,
Kakawakore ama,
Nozakolike ama,
Italataka malo
Italataka malo,

Txiyetakawe malo,
 Ketehotimaniya, txiyitakawe malo,
 Kamaekokoiyahatyoenihyozaoloneze
 Txiyitakawe malo,
 Ketehotimaniyatxiyitakawe malo,
 Malowezaoloweke, malowezaoloweke

Nowaiyahalohalo

Nowaiyahalohalo,
 Nowaiyahalohalo,
 Notiyahalohena,
 Nowaiyahalohalo,
 Notiyahalohena,
 Atyotyokizokare,
 Atyotyokizokare,
 Ehalohaloneno,
 Waiyeimyalolita,
 Waiyekazaihidita,
 Nowaiyahalohalo,
 Nowaiyahalohalo,
 Notiyahalohena,
 Atyotyokizokareehalohaloneno,
 Waiyekamalolita
 Waiyekazaihidita,
 Atyotyokizokareehalohaloneno,
 Kidyakwanehenere

Podemos observar que o papel da mulher é muito importante, pois ela é responsável pelos preparativos, por aprender pela escuta, por fazer as dietas alimentares, assim, ela pode ser uma força no ensino, no fortalecimento e nos ensinamentos do povo. Ela também pode ensinar os netos e filhos a cantar. É preciso que homens e mulheres estejam juntos se completando nos rituais Haliti-Paresi.

4.4 O lugar e as aprendizagens do homem Haliti na expressão cultural do *Zerati*

Os homens ocupam diferentes lugares no *Zerati*. Os cantadores aprendem a cantar, na maioria das vezes, com as avós, e também ouvindo o *Zerati*. Os homens, além de provedores da alimentação e da limpeza da aldeia, são responsáveis pela renovação da casa da flauta. No *Zerati*, apenas os homens cantam. Nas rezas e benzeções, podem cantar homens e mulheres. As aprendizagens podem acontecer a partir do processo de escuta e do sentimento que vai criando na pessoa Haliti-Paresi.

Quando eu era mais novo não tinha nenhum conhecimento sobre as rezas, as benzeção e não era pajé, a partir do momento que comecei a cuidar, acompanhar e prestar mais atenção nos idosos, anciãos e pajés, foi assim que comecei a aprender as rezas que são feitas para Enore (Deus) e para os espíritos da natureza e os espíritos cosmológicos. Foi assim que conheci e aprendi os conhecimentos tradicionais das rezas e benzeção com esses pajés (Nizokai-Pajé Haliti Fig.20).

Figura 20: Pajé Maurinho Nizokai da Aldeia Kolidiki



Fonte: Nilce Zonizokemairô, 2022

A forma de aprender, para desenvolver as atividades no *Zerati*, nas ações de benzeção, reza e canto com o pajé dentro do *Zerati* é feita sob diferentes formas de aprendizagem, mas também, existe um dom que pode ser passado ou acordado na pessoa, por isso, é importante

que os meninos aprendam a escutar e a ter tempo para ouvir e participar, para ter despertado o dom de aprender.

O espírito do senhor Alberto que me passou o dom para ser pajé, foi quando o senhor Marinho da aldeia Zanakwa estava muito doente, quando pela primeira vez comecei a passar folha para tirar o feitiço que tinham colocado no senhor Marinho, a partir daquele dia me tornei pajé (Nizokai).

Todas as manifestações da cultura Haliti-Paresi dependem muito do coletivo, da escuta dos mais velhos, das aprendizagens sob escuta, observação e do sentimento mesmo de ser Haliti. A aprendizagem precisa ser feita, a partir de ouvir cantar e contar as histórias, da observação da vivência do *Zerati*. Ouvindo a história, pode-se aprender que, “[...] as flautas *iyamaka* eram originalmente possuídas pela gente-da-água, habitantes dos fundos dos rios que fabricavam e tocavam seus instrumentos para animação de grandes festas de *chicha* nos terreiros subaquáticos” (Aroni, 2019, p. 117).

Pajé Nizokai explica que atualmente têm pajés mais jovens, mas que estão no processo de provação com os espíritos bons que passaram o dom para esses jovens; eles têm o dom de passar a folha, mas não sabem as rezas e nem a benzeção. Atualmente no povo Haliti-Paresi só têm dois pajés verdadeiros e bons que é o senhor Joãozinho Akonoizokai, da aldeia Cabeceira do Urubu e o próprio pajé Nizokai da aldeia Kolidiki. Esses dois anciãos são cantadores das rezas e benzeções do *Zerati*. O pajé Nizokai disse que para ser um pajé, a pessoa tem que respeitar todas as regras da cultura tradicional do seu povo, tem que ser uma pessoa boa para que os espíritos sempre estejam com o pajé. Ele explicou que:

O senhor Maji da aldeia Formoso, o senhor Alberto da aldeia Kotitiko, o senhor Tsabadi da aldeia Taquarinha, o senhor Alberto era um pajé verdadeiro e senhor Tsabadi são os pajés de referência para o povo Haliti Paresi (Nizokai)

Existe uma preocupação com a geração mais nova, porque os adolescentes e jovens não estão dando muito valor para sua cultura tradicional, como para o cântico Haliti-Paresi, para as rezas, benzeção e todas as coisas que fazem parte dos conhecimentos tradicionais do povo. Os anciãos e pajés estão morrendo e levando consigo todo o conhecimento que detém e não tem nada registrado sobre esses conhecimentos tradicionais.

O *Zeratié* muito importante, pois são as vozes que cantam para o *Iyamaka*, são espíritos que ficam junto com os Haliti. No *Zerati*, há os cantos feitos na benzeção e na reza. O senhor Joãozinho Akonoizokai da aldeia Cabeceira do Urubu e Maurinho Nizokai da aldeia Kolidiki são muito requisitados para fazer a benzeção e a reza no *Zerati*.

Trecho de canto de reza para Enore (Deus) durante a festa tradicional

Kalaowenehitxiyityonae, hiyatsonae, hikyehorerahalona, himyatyawanehalona
 Mohenazomanawaiyezeeharehamokotsehalona, hamokotseharenaenekenekwahalone,
 nekenekwaharenehiyetawaiyatihyotyakenehiyeta.
 Oweneozakamohenazomana, ezahejitsowihyaoreharewaikyatenaeana,
 ezahejitsoakoakitiyerenaeana, jitsoezahe Enore.

Canto de benzeção

Natyonotyaonehetehenaonekinyomaniya
 Natyonotyaonehetehenaonehitihyokomonezaokakerehare
 Onehalatarezakakwamaikyanatityokihitita
 Maikyanaokanikihitita
 Onekoretalozakakwa, wainyakihitita, wakamenanehalohetehena
 Maikyawimykotsehalotxuinea
 Eye kakwitawimyenaneharehititanita
 Ozakaeyezamehena ali hetatizowakiyawahitalazaokakerehare
 Wahitalatihyolatyahatse era hokawahalahaloheta, wahalaharehetehena
 Wakamenanehetehenatxuinehitya
 Waiyenehitya zama ali hetatizowakiyawahitala
 Wihyalatenezaokakerehare era hokawatilikyataidyaheta
 Era hokawaokanikihetehenawimykotsehalo, wimykotsehare
 Waokanikihititaezoakaitehokamahokakenehalo, mahokakenehare
 Tyaonehetehenawimykotsehalotxuinea

Na aldeia Rio Verde, há vários cantadores, entre eles, destaco Pedro Nazokemai, Oseias Nenezokae e Isaias Kezomae, e na aldeia vizinha Kotitiko os cantadores Anésio Haliti, Jailson Paresi, Jaime Paresi, seu Juvenal Azomare, Adelino Paresi, seu Caetano e muitos outros. O

complexo das aldeias Kotitiko e Rio Verde reúne o maior número de cantadores Haliti-Paresí vivos no momento.

4.5 Preocupações e transformações: Uma reflexão sobre o Zerati e as novas gerações

O Zerati é fundamental para nossa sobrevivência cultural, espiritual, física, social, mental, econômica e política. O preparativo da festa tradicional ensina como ser Haliti. Reflito com base no que observei e percebi, de como está a cultura do meu povo com toda a transformação e mudança que vêm acontecendo ao longo dos anos, desde o primeiro contato com os não indígenas. Esta é uma preocupação não apenas minha, mas de muitas pessoas da comunidade.

Hoje em dia, nas aldeias Haliti-Paresi tem diminuído o número de as pessoas que sabem e dominam o cântico do nosso povo. Se for falar atualmente de pajé espiritual que detém esses conhecimentos tradicionais são poucos, hoje temos somente três pajés bons. Isso vem ocorrendo devido às pessoas, às transformações e às mudanças que estão acontecendo nas comunidades Haliti-Paresi.

Por essa razão, os mais velhos estão preocupados com as novas gerações da atualidade, com a chegada das tecnologias, como internet e outras coisas que foram inseridas em nosso meio, e não estamos sabendo lidar com todas essas mudanças em nosso cotidiano. Estamos tendo dificuldades de usar as tecnologias e manter a nossa cultura forte.

Preocupo com os conhecimentos tradicionais do povo Haliti-Paresi, devido às mudanças e transformações que vem ocorrendo ao longo dos tempos na comunidade Haliti-Paresi. A maior preocupação é a globalização do planeta Terra, porque com isso as comunidades Haliti-Paresi estão trazendo muitas coisas do não indígena para dentro das aldeias, exemplo as tecnologias mais avançadas, como a internet, tudo isso tem mudado e transformado a rotina das novas gerações no seu dia a dia (Azomare)

Atualmente ocorreram muitas mudanças e transformações no modo de vida da geração mais nova Haliti-Paresi. A chegada de tecnologias não indígenas e o fetiche que elas produzem fazem com que crianças e jovens se sintam muito atraídos por elas, e esse é um dos impasses na comunidade. O tempo que jovens, crianças e, mesmo adultos, despendem para as tecnologias têm dificultado a transmissão de saberes e conhecimento tradicional do povo Haliti-Paresi.

A roda de conversa que os pais, os avós, os adultos, os idosos, os anciãos e os pajés tinham com os mais jovens, adolescentes e crianças, hoje, quase não acontece mais no pátio da aldeia, nem durante a noite dentro da *hati* (casa tradicional). A geração mais nova prefere assistir televisão, acessar a internet do que ouvir uma boa história narrada por quem sabe contar.

Ouvir a história de quem sabe cantar o *Zerati* é fundamental para poder aprender a cantar e contar histórias. Ultimamente, a transmissão acontece apenas na realização das festas tradicionais, que acontecem em algumas aldeias. Considero que seria importante usar a tecnologia do não indígena em nosso favor para registrar os conhecimentos que os idosos, os anciãos e pajés detêm para que não se percam quando morrem.

Outra atitude importante é planejar momentos específicos para a aprendizagem do *Zerati*, para que a nova geração possa ter o acesso a esses conhecimentos tradicionais do seu povo e não deixar que fiquem no esquecimento. Que possam aprender e continuar valorizando e fortalecendo a sua cultura tradicional, continuem fazendo a festa tradicional, que mantenham vivo o *Zerati*, nosso cântico tradicional. Que sua essência indígena permaneça sempre viva.

Reafirmo que o modo de vida do povo Haliti-Paresi mudou muito ao longo dos anos, mas isso não significa que perdemos a cultura, mas que ela está em transformação, por isso, devemos sempre fortalecer e valorizar o conhecimento do povo Haliti-Paresi. É de responsabilidade das gerações mais velhas mostrar para a nova geração a importância que tem em aprender o *Zerati*, as rezas, as benzeções, a língua materna e todas as coisas que fazem parte da nossa cultura tradicional.

É importante que as crianças, adolescentes, jovens e meninos tenham o interesse de aprender o cântico com as pessoas que sabem os cânticos. Que os adultos, idosos, anciãos e pajés incentivem as novas gerações em querer aprender o cântico do seu povo, é importante que as crianças, adolescentes e jovens valorizem e fortaleça cada vez mais o *Zerati*.

5 O ZERATI NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Aqui nossa discussão reúne currículo e o *Zerati* como música na educação escolar indígena, um desafio e também uma decisão da comunidade. Um currículo que prevê o estudo e a vivência no contexto escolar, sobre os cantos tradicionais contribui para a visibilidade dos saberes e do conjunto de simbolismos que os cantos carregam em si mesmos. E também a inclusão no currículo é espaço importante para falar sobre os cantos do *Zerati*, porque pode ampliar os espaços de afirmação étnica e identitária.

5.1 O currículo diferenciado, específico, bilíngue e o *Zerati*

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas-RCNEI (1998) tratou da importância da música e da dança na identificação dos contextos culturais em que são realizadas na comunidade. O documento evidencia os seus significados e a importância dessas manifestações, quem participa e quem apenas assiste. Fala também do conhecimento dos significados das canções, dos instrumentos musicais e das danças; relações com aspectos da mitologia.

Aborda sobre o conhecimento das relações entre a música (vocal ou instrumental) e a dança, que instrumentos são tocados no momento das danças, que canções são entoadas. A música é executada pelos próprios dançarinos ou por outras pessoas, a interpretação de canções (que pode ser utilizadas no contexto da escola) e registro de letras.

É direito das escolas indígenas terem um currículo diferenciado, específico, bilíngue e intercultural, também decolonial. Esse direito é assegurado na Constituição Federal Brasileira de 1988 e também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) que assegura às comunidades indígenas o direito à educação diferenciada, específica e bilíngue.

Compreendo que essa escola, que é própria dos povos indígenas, tem sido um desafio, porque a sociedade é complexa. Por outro lado, mesmo com todas as dificuldades, ela é uma resposta à colonialidade no período de colonização e quando as escolas indígenas não eram protagonizadas pelos próprios povos indígenas.

No contexto da educação escolar entre os Haliti-Paresí, o tema foi estudado no trabalho do professor Adevani Akonoizokemae:

O Cântico Haliti-Paresi tem um grande significado para o meu povo, ela faz parte da festa tradicional, oferenda, flauta sagrada, flecha sagrada, benzeção, história, txihyali, dança, reza e entre outras coisas que faz parte da nossa cultura Haliti Paresi. Pois é

através do cântico que os pajés, idosos e anciões faz o pedido em reza, benzeção, oferenda e chamado nas ocasiões especiais e nos momentos ruins do nosso cotidiano, porque através dela que pedimos nossa proteção para nosso Enore (Deus) (AKOIZOKEMAE, 2018, p.07).

Portanto, trata da importância do *Zerati* para os Haliti-Paresí e das discussões sobre música e currículo na escola indígena.

Assim, a educação escolar indígena atual, protagonizada pelos povos e professores indígenas, tem um papel fundamental de desenvolver um currículo em que os saberes tradicionais e os conhecimentos tradicionais do povo Haliti-Paresi estejam presentes na escola.

Os professores indígenas, junto com os adultos, idosos, anciões e pajés que detém o conhecimento do *Zerati* precisam desenvolver formas metodológicas que ensinem para os alunos os cânticos do seu povo.

Mesmo que o *Zerati* faça parte do currículo escolar, deve fazer parte sempre respeitando as coisas que são sagradas para a comunidade. Nesse espaço existem algumas coisas que não podem ser ensinadas, portanto, faz parte do currículo somente o que pode ser ensinado no âmbito escolar. A decisão do que ensinar na escola é de responsabilidade da comunidade, do povo.

Essa parte da nossa cultura estando no currículo da escola pode contribuir com o fortalecimento e a valorização do *Zerati* (cântico Haliti-Paresi) desde que os ensinamentos considerem o que pode e o que não pode fazer parte do contexto escolar. A música, a dança e o canto tradicional têm grande significado para meu povo, tanto na cultura tradicional e espiritual, por isso o cuidado na inclusão escolar. O *Zerati* no currículo da educação escolar indígena fortalece a reflexão na comunidade e do povo para que seja fortalecido pela nova geração, sem cair no esquecimento.

A educação escolar indígena, com um currículo específico e diferenciado tem muito a contribuir com os alunos e a comunidade, porque atualmente a escola é uma das ferramentas principais para manter o nosso conhecimento tradicional vivo e conhecer o conhecimento não indígena, e através dela podemos nos fortalecer sem deixar nossa essência indígena de lado.

Quero ressaltar a importância da educação escolar indígena específica, diferenciada e bilíngue para a comunidade Haliti-Paresi, as escolas indígenas Haliti-Paresi tem o papel fundamental no fortalecimento e na valorização da cultura tradicional do nosso povo. O Projeto Político Pedagógico das escolas indígenas procura estar voltados para a realidade e especificidade de cada comunidade Haliti-Paresi.

Assim, a Escola Estadual Indígena Malamalali e a Escola Municipal Indígena Zozoiterô sempre trabalharam com os alunos no fortalecimento e na valorização da língua materna e nos

conhecimentos tradicionais do povo Haliti-Paresi. Os currículos das duas escolas estão voltados para os três conhecimentos, o conhecimento da cultura tradicional do povo Haliti Paresi, o conhecimento da cultura tradicional de outros povos indígenas e o conhecimento da cultura ocidental dos não indígenas. Ou seja, “a escola tem sido assumida progressivamente pelos índios em seu movimento pela autodeterminação. E um dos lugares onde a relação entre os conhecimentos próprios e os conhecimentos das demais culturas deve se articular [...]” (BRASIL, 1998, p. 24).

A educação escolar indígena específica e diferenciada e bilíngue é a principal ferramenta que contribui para que as escolas Haliti-Paresi mantenham viva sua identidade cultural, sua cultura tradicional e sua essência como povo Haliti-Paresi.

5.2 O *Zerati* no contexto pedagógico – Oficinas com estudantes do ensino médio

No contexto pedagógico, o *Zerati* foi trabalhado com os estudantes do ensino médio da aldeia Cabeceira do Sacre e Rio Verde. A metodologia foi a realização de duas oficinas de pesquisa e produção de textos. As oficinas contaram com a colaboração e a participação de outros professores³ e anciãos das comunidades e se constituiu como uma construção pedagógica dialógica de aprendizagem específica da educação Haliti-Paresi.

O planejamento das oficinas atendeu as duas turmas de ensino médio. As oficinas pedagógicas de pesquisa e produção de texto tiveram como objetivo atender ao projeto de pesquisa do mestrado em ensino, com o desenvolvimento de uma prática de pesquisa que levasse os estudantes do ensino médio a se interessarem em estudar e buscar o conjunto de cânticos tradicionais, o *Zerati*. Da mesma forma, que pudessem perceber a importância do cântico tradicional, para a valorização e fortalecimento da nossa cultura, da nossa espiritualidade e a essência de ser Haliti-Paresi.

A metodologia das oficinas de pesquisa teve uma organização em dois aspectos, uma metodologia que atendeu o contexto pedagógico e uma metodologia que atendeu a educação indígena Haliti-Paresi. O instrumento de ensino foi a oralidade, todos os momentos da oficina de pesquisa se deram com o uso da língua materna, em nenhum momento houve oralidade em língua portuguesa.

Sabemos que temos pouco material escrito e publicado na língua materna, e enquanto não temos, vamos vivenciando as experiências na escola e na pesquisa, escrevendo e

³ Professor de língua materna Professor Ângelo Kezomae; Professor Pedagogo Lino Zokenazokai, Professora Elismara Cristina Nazokemai e Oseias Nenezokae.

produzindo nossos próprios materiais. Paes (2002) descreve em seu texto que já em 1999, nós, os professores Haliti-Paresi, iniciamos a ser protagonistas da condução pedagógica da escola, e mesmo com falta de material publicado, sempre produzimos os nossos próprios materiais. Então, este não é o primeiro material que produzimos com estudantes e professores na nossa escola.

Na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Malamalali/Anexa Cabeceira do Sacre, a oficina de pesquisa e produção de texto, aconteceu no período do dia 21 ao dia 23 de março de 2022. A temática abordada foi o *Zerati* e a oficina foi na modalidade oral.

Falar da história do *Zerati* não é simples, porque inclui as nossas divindades, porque ao mesmo tempo em que falamos, estamos fazendo uma ligação espiritual. Não há uma separação de ser professora, de realizar uma está prática pedagógica com o conhecimento do *Zerati*, principalmente, porque venho da linhagem dos meus antepassados que têm a flauta sagrada. Minha preparação como *haloti* é alimentar a flauta sagrada, isso é muito importante na minha vida e também na escola, pois, em detrimento da ‘falta de tempo’ dos jovens, a escola pode ser o lugar de dialogar sobre os significados do *Zerati*.

Tanto está pesquisa, quanto a prática pedagógica, responde a duas questões. Uma é construir um espaço onde os jovens possam se interessar mais pelo *Zerati* e o outro é também responder, não apenas as ações de professora, mas de *haloti*, pois os sonhos sempre se fazem presentes com cobranças de maiores preparações e tempo para o *Zerati*. Nesse sentido, são as espiritualidades emitindo mensagens.

Como professora pesquisadora, tenho a responsabilidade enquanto mulher, fazer como outras mulheres, como a minha mãe que muito me ensinou sobre o *Zerati*. O *Zerati* está na nossa essência, no ser das pessoas Haliti-Paresi.

Depois de relatar a história do *Zerati*, e de os estudantes ouvirem com respeito, apenas escutando os ensinamentos, passamos para outro momento, o de ampliar os nossos conhecimentos. Para isso, os estudantes se reuniram em grupos para conversarem e decidirem com qual ancião e que perguntas fariam a eles sobre o *Zerati*.

Na cabeceira do Sacre, organizaram-se três grupos, dois grupos com três alunos e um grupo de quatro (Fig. 21), e dois jovens ficaram responsáveis pelas produções dos desenhos. Na sequência, os estudantes foram ouvir em sentido de pesquisa as explicações de uma anciã, fazer gravação do canto e depois transcrição para a língua materna.

Figura 21: Trabalho em grupo na Cabeceira do Sacre



Fonte: Nilce Zonizokemairô, 2021

O trabalho foi coletivo, mas houve alunos responsáveis pelo registro da escrita. (Fig. 22).

Figura22: Trabalho de escrita do texto individual



Fonte: Nilce Zonizokemairô, 2021

Na aldeia Rio Verde, seguiu-se a mesma sequência pedagógica, com cinco grupos, cada qual com quatro estudantes, e três ficaram responsáveis pelas ilustrações do material. Também produziram questões para dialogar com um ancião na aldeia, gravaram o canto e fizeram as produções textuais.

Os textos produzidos e organizados, em forma de coletâneas textuais, foram sobre o *Zolane*, o *Zero*, Cantos de rezas, Cantos de benção e Cantos da *Iyamaka* (Flauta Sagrada).

Foi pensado, junto com os estudantes, trazer um ancião para cantar na escola, porém, de acordo com o trabalho desenvolvido, os anciãos estão prontos para responder às questões, mas,

explicaram aos jovens que não iam cantar na escola, que não é o melhor lugar para aprender o *Zerati* na prática, que devem fazer as suas aprendizagens no momento que acontece as festas tradicionais ou que voltem a participar dos ensinamentos na casa cultural.

Durante a pesquisa sobre o *Zerati*, os estudantes, professores e eu tivemos essa surpresa com os anciãos e anciãs, porque durante a realização da entrevista, os anciãos falaram que não iriam realizar os cantos das histórias na escola, cantos esses que são sobre o *Zerati*, *Zolane*, *Zero*, benção e reza, entre outras práticas que fazem parte da nossa cultura tradicional.

Os anciãos e anciãs explicaram que na escola é difícil ensinar sobre os conhecimentos tradicionais, é difícil porque o *zerati* conta sobre a espiritualidade, sobre a natureza e sobre a história dos ancestrais do povo Haliti. Explicaram também que é importante que essas histórias citadas acima seja praticadas no pátio da aldeia ou na *hati* (casa tradicional), pois os espíritos ficam observando a pessoa que está contando as histórias e os ouvintes.

Eles também firmaram que são os professores e alunos que precisam ter o interesse de buscar e ir até as pessoas que têm esses conhecimentos para ser repassado, porque a educação tradicional Haliti requer muita atenção, observação e cuidado para aprender as coisas que fazem parte da cultura.

Percebi que alguns estudantes tiveram dificuldade na produção de texto, porém, no decorrer da oficina, foram socializando com outros grupos e isso facilitou o trabalho de escrita de cada um dos grupos. Foi significativo observar que os alunos têm um pouco do conhecimento tradicional da cultura do seu povo, pois já haviam participado do *Zerati*, mas o fazem de forma naturalizada e acabam não refletindo e reconhecendo a imensa importância do *Zerati*.

O domínio da língua materna na oralidade não significou que teriam facilidade na escrita, então, os professores colaboradores auxiliaram, agindo como mediadores e, assim, conseguiram fazer a produção textual, lembrando que, para a organização final, passará por correções do professor de língua materna. Os alunos que estavam desenhando fizeram ilustração, de acordo com os textos produzidos pelos colegas.

Na aldeia Rio Verde, a aluna Cybelly Anokazokeros agradeceu em nome da turma do ensino médio, dizendo que foi muito bom terem participado da oficina sobre o *Zerati*, que é muito importante ensinar sobre a cultura do nosso povo, que a escola tem o papel importante no fortalecimento e na valorização dos saberes indígenas Haliti-Paresi.

Considero que o desenvolvimento da oficina de pesquisa e produção de texto no contexto escolar apontaram alguns aspectos importantes, são eles:

Quanto ao conhecimento do *Zerati*, identifiquei que mesmo que os estudantes aparentam não saber sobre o cântico, eles sabem, alguns cantam e compreendem todas as partes

do *Zerati*. Os estudantes têm domínio da oralidade da língua materna, isso porque ainda nas duas comunidades a primeira língua é a nossa própria, a segunda é a língua portuguesa. De acordo com Ferreira e Zonizokemairô (2021, p.2):

A língua materna é muito importante para um povo, é a essência da interação e comunicação entre os povos, é o elo e fortalecimento cultural de uma determinada sociedade, pois tem uma importância muito grande nas manifestações socioculturais, por isso, simboliza a identidade de um povo.

Os estudantes apresentaram dificuldade de escrita na Língua materna, mas com a ajuda dos professores foram reorganizando os textos. A dificuldade é normal, porque o processo de escrita é sempre uma aprendizagem. Eles enfrentaram os desafios de fazerem a produção textual e de escreverem os livrinhos.

Esse trabalho de pesquisa, junto com os estudantes do ensino médio e com os professores, tem relações interculturais e decoloniais dentro do contexto pedagógico escolar.

É um trabalho que assumiu a política linguística e o conhecimento sobre o *Zerati*. Nessa perspectiva, como política linguística e decolonial, os Haliti da aldeia Rio Verde, que fica na Terra Indígena Paresi, em Tangará da Serra-MT, têm assumido a construção de uma escola diferenciada, onde os saberes e a cultura, a iniciar pelo próprio povo, sejam valorizados e incluídos (quando possível) no currículo escolar (FERREIRA E ZONIZOKEMAIRÔ, 2012, p.4).

Essa política linguística e a prática pedagógica decolonial, que é trazer a nossa realidade cultural para dentro do currículo escolar, o nosso jeito de educar, acontecem não só na aldeia Rio Verde, mas também na aldeia Cabeceira do Sacre. Segundo Fleuri (2018), Paulo Freire (2000) apresenta uma educação de concepção decolonial no livro “Pedagogia da Autonomia”, ao apresentar as compreensões da prática docente como decolonial porque precisa ser de acordo com o contexto cultural.

5.3 Produção das coletâneas de texto e músicas do *Zerati*

Foram produzidas coletâneas de textos que estão organizadas em publicação *online*, porque não tenho recurso para publicação impressa. A versão digital pode ser depois trabalhada com os alunos da escola. Os primeiros textos foram feitos na Cabeceira do Sacre (Fig. 23) e os demais na aldeia Rio Verde (Fig.24).

Os textos que se encontram dentro do livro *online* foram produzidos pelos alunos da aldeia Cabeceira do Sacre e pelos alunos da aldeia Rio Verde. O material consta de uma apresentação em língua portuguesa e textos dos estudantes que falam sobre o *Zerati*, e também

todos os textos que se encontram neste material estão em língua materna. O livro está organizado da seguinte forma: primeiro vem a apresentação, depois o *Zolane*, e alguns cânticos de *zolane* (*haiyazeratinae*), o *Zero*, o cântico do *Zero*, (*zero zerane*), reza, (*kawiyakere*), trecho de algumas rezas (*haiyakawiyakere*), benzeção (*fehanati*) algumas benzeção(*haiyafehanati*), flauta sagrada (*iyamaka*), alguns cânticos da flauta sagrada (*haiyaiyamakazerane*), as coisas que fazem parte do cântico, (*eyenaezeratihiyetyaonita*), além dos desenhos.

São produções próprias que fazem parte da nossa cultura. Trata-se de uma experiência vivida na coletividade e com mediação pedagógica e dialogicidade. Para a produção do livro, os estudantes ouviram os anciãos e dialogaram com professores e com as coletas, foi um momento muito especial. As figuras 23 e 24 são imagens que estarão na capa do livro.

Figura 23: Cabeceira do Sacre



Fonte: Zonizokemairô, 2022

Figura 24: Aldeia Rio Verde



Fonte: Zonizokemairô, 2022

Essas produções são importantes, porque são feitas pelos próprios alunos, mas outras pessoas da comunidade também participaram.

Acredito que essa produção atende o princípio de um material específico, diferenciado e próprio da pedagogia e da educação Haliti-Paresi. Conforme o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas (1998), corresponde ao protagonismo e à elaboração de textos próprios dos povos indígenas. É um material que ajuda a fortalecer o currículo da Escola Estadual Indígena Malamalali.

De outra forma, também compreendo ser um material que atende a Base Nacional Comum Curricular do jeito próprio Haliti-Paresi. Segundo Baniwa (2019), a BNCC baseia-se também nos princípios de igualdade, diversidade e equidade. Igualdade educacional sobre as singularidades, diversidades e diferenças devem ser consideradas e atendidas, questões que historicamente foram batizadores de desigualdades, exclusões e injustiça. Assim, a educação precisa ser planejada com o foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diversas e diferentes. Um planejamento com foco na equidade exige compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza e exclui grupos, como

povos indígenas originários, populações de comunidades quilombolas, demais afrodescendentes e outros.

De acordo com Baniwa (2019), no caso da Educação Escolar Indígena, por exemplo, isso significa assegurar competências, habilidades e valores específicos com base nos princípios da coletividade, reciprocidade, integralidade, espiritualidade e alteridade indígena, a serem desenvolvidos, a partir de suas culturas tradicionais, reconhecidas nos currículos dos sistemas de ensino e nas propostas pedagógicas das instituições escolares. Significa, também, em uma perspectiva intercultural, considerar seus projetos educativos, suas cosmologias, suas epistemologias, suas lógicas, seus valores e princípios pedagógicos próprios e suas referências específicas, tais como: construir currículos interculturais, diferenciados e bilíngue/multilíngue, seus sistemas próprios de ensino e aprendizagem, tanto dos conteúdos universais quanto dos conhecimentos indígenas, bem como, o ensino da língua indígena como primeira língua.

É importante salientar que mesmo que tenha a BNCC, a luta foi de permanecer com a educação específica e diferenciada, e o Referencial Curricular Nacional é um material valioso nessa situação da educação escolar específica para os povos indígenas, porque é um dos primeiros materiais escritos pensado nos povos indígenas.

O material didático produzido junto com os estudantes indígenas, com os professores indígenas e com alguns anciãos e pajés, bem como, o documentário, têm grande valor material e imaterial, pois aborda um tema importante para nossa espiritualidade e nossa ancestralidade como povo Haliti. O tema tem ligação com todas as coisas que estão ligadas a nossa identidade, aos rituais, à religiosidade e à essência indígena Haliti-Paresi.

Paulo Freire ressalta muito bem a importância e o poder que a palavra possui, palavra essa que pode ser utilizada para oprimir ou libertar.

5.4 Produção de pequeno documentário junto aos alunos do ensino médio sobre o *Zerati*

O documentário é sobre o *Zerati*, e tive ajuda do Jucélio Onizokaece e do Jurandir Zezokiware, dois moradores da aldeia Formoso. O trabalho de mestrado é coletivo e todos ajudam, por isso, estou tendo avanços na produção do trabalho.

O documentário é um gênero textual usado muito na televisão, e para fazer o nosso documentário, o tema foi o *Zerati*. Reunimos em grupo para pensar como ele seria realizado, e foi feito com gravações dos momentos vivenciados na ação pedagógica com os alunos do ensino médio. Com os colaboradores da organização do documentário, fizemos combinações e roteiro de como o vídeo seria organizado. Observamos as cenas, as falas das pessoas que participaram,

dando explicações e nos preocupamos com o cenário, com as roupas, o ambiente, o lugar de filmagem. Depois que tudo foi filmado, foi preciso fazer a edição e esse momento foi apenas planejado e realizado pelos professores.

O documentário é um registro que pode ser trabalhado com todos os alunos e com todos os anos iniciais. O documentário tem a duração de oito minutos, tem a participação dos alunos do ensino médio, da comunidade aldeia Rio Verde e dos festeiros que participaram da festa tradicional. Algumas filmagens foram feitas na aldeia Formoso e na aldeia Rio Verde, tem algumas fotos, tem o *Zerati* cantado pelo grupo de dança e cântico *Kamaihiye*.

O documentário foi editado por Juscelio Onizokaece da aldeia Formoso, que contribuiu muito para que o documentário e a imagem fossem de boa qualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões sobre o ensino e a importância da *Zerati* (o cântico Haliti-Paresi no contexto pedagógico) nas escolas das aldeias Haliti-Paresí, presente neste trabalho de dissertação de mestrado, mostram mudanças históricas e significativas, apontando que o fortalecimento do *Zerati* está diretamente relacionado à valorização da cultura tradicional, e mesmo que não pareça, os mais jovens e os estudantes estão envolvidos e sabem sobre o *Zerati*.

A escola tem um papel fundamental nesse processo, junto com a comunidade escolar, no fortalecimento e na valorização do *Zerati* (Cântico Haliti-Paresi), como parte de nossa cultura. O ensino do *Zerati* (Cântico Haliti-Paresi) pela escola, com a produção de materiais didáticos e registros audiovisuais e escritos pode incentivar os mais jovens a participar de rituais e cerimônias, a manter esses conhecimentos tradicionais para ser transmitidos para as futuras gerações Haliti-Paresi, porque o *Zerati* é a essência e identidade de nosso povo.

Nesse sentido, o ensino do *Zerati* nas/pelas escolas indígenas Haliti contribui para os processos de preservação, valorização e fortalecimento da cultura tradicional e podem lançar novas luzes a respeito da discussão que envolve os instrumentos ou as ferramentas que nós, povos indígenas, temos buscado para avaliar a preservação e fortalecimento da língua e da cultura, a partir da escola. Aproveito para ressaltar que a formação dos professores indígenas Haliti-Paresi, no projeto Tucum, Projeto Haiyô, no antigo 3º Grau Indígena e atualmente na FAINDI – Faculdade Indígena Intercultural tem sido importante no apoio à valorização e fortalecimento da educação diferenciada e bilíngue, nas escolas Haliti-Paresi.

REFERÊNCIAS

- AKOIZOKEMAE, Adevani. **Cântico Haliti Paresí Zerati**. Trabalho Final Magistério Intercultural Kamahiye. Aldeia indígena Zatemana, Tangará da Serra/MT, 2018.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- ARONI, Bruno de Oliveira. **Intersecções entre materialidades e sonoridades na construção da categoria Iyamaka Paresi-Haliti**. DOSSIÊ Universalidade e particularismos nos sistemas xamânicos dos povos ameríndios. Vivência: Revista de Antropologia. v. 1, n 54 (jul/dez de 2019).
- AZONAYCE, Rony W. **Livro Didático**. I edição. Aldeia Wazare – MT – Brasil, 2017.
- BANIWA, Gersem. **Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos**/Gersen Baniwa. 1.ed. – Rio de Janeiro: Mórula, Lacerd, 2019.
- BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRAYNER, Natália Guerra. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. 3. ed. -- Brasília, DF: Iphan, 2012.
- FERREIRA, Waldineia Antunes de Alcântara e ZONIZOKEMAIRO, Nilce. **EDUCAÇÃO ESPECÍFICA E DIFERENCIADA: complexos culturais da língua materna Haliti-Paresi**. **Revista Observatório**, v. 7, n. 1, p. a4pt, 1 jan. 2021.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Paulo Freire: aprender a educar com os povos indígenas**. Livro2. indd, 2018, p. 229-236. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LAGROU, Els. Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas. **Revista Proa**, nº02, vol.01, 2010. <http://www.ifch.unicamp.br/proa>. Acesso em: jul. 2021
- PAES, Maria Helena Rodrigues. **A questão da língua na escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra-MT**. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez 2002 Nº 21. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a04>.
- SALLES, Pedro Paulo. A sociedade secreta das Iyamaka, as “flautas” paresi Haliti. **DEBATES** | UNIRIO, n. 19, p.208- 235, nov., 2017.
- SOUZA, Hellen Cristina. Dones, **Dadivas y Reciprocidad: Los complejos mecanismos de acceso a laEducacion Superior em comunidades indígenas**. Revista ISEES nº 07. 2010.
- ZONIZOKEMAIRO, Nilce & FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Possibilidades de contribuições da educação escolar indígena no fortalecimento do Zerati – Haliti Paresi**.

In: Revista de Comunicação Científica – RCC, Jan./Maio, Vol. I, n. 7, pgs. 80-89, 2021. ISSN 2525-670X.

THIOLLENT, Michel Jean Marie e COLETTE, Maria Madalena. **Pesquisa-ação, Universidade e Sociedade**. Revista Mbote, Salvador, Bahia, v. 1, n.1, p.042-066. jan./jun., 2020. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/mbote/index> | ISSN: 2675-6048

ZONIZOKEMAIRO, Nilce. **Estudo Descritivo do Projeto Político Pedagógico Específico e Diferenciado da Escola Indígena Zozoiterô**. Especialização em Educação Escolar Indígena. UNEMAT, Barra do Bugres, 2010.

CONSULTORES NATIVOS

AZOMARE, Juvenal. Cacique tem 67 anos. Aldeia Kotitiko. Tangará da Serra/MT, 2022.

KONIZOKERO, Tarcila. Anciã tem 82 anos. Aldeia Rio Verde. Tangará da Serra/MT, 2022.

NIZOKAI, Maurinho. Pajé tem 69 anos. Aldeia Kolidiki. Tangará da Serra /MT, 2022.

ANEXOS



Organização: NILCE ZONIZOKEMAIRO

Editores: Nilce Zonizokemairô e Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Capa: Lino Zokenazokae, Cybelly Anokazokero e Jhonatan Okenazokie

Diagramação:

Revisão Ortográfica:

CONSELHO EDITORIAL

Adailton Alves da Silva – UNEMAT

Angel Corbera Mori – UNICAMP

Antônio Malheiros – UNEMAT

Carlos Edinei de Oliveira – UNEMAT

Eunice Dias de Paula – SEDUC/CIMI

Jaime José Zitkoski – UFRGS

João Severino Filho – UNEMAT

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira – UNEMAT

Lúcia Helena Alvarez Leite – UFMG

Lucimar Luísa Ferreira – UNEMAT

Maria Aparecida Bergamaschi – UFRGS

Maria Aparecida Rezende – UFMT

Mônica Cidele da Cruz-UNEMAT

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira – UNEMAT

Autores colaboradores

Alisson Kazonazokemae

Anderson Kezomae

Andressa Okemaezokero

Angelo Kezomae

Arilson Azomare

Celene da Silva Paresi

Celivania Azomaero
Cybelly Anokazokero
Edicleia Paresi
Eliaanae Zonaezokero
Elismara Cristina Nazokemae
Elisvandro Naizokenazokae
Elizangela Maizokero
Erick Zokenazokae
Evair Enezomaese
Francieli Nizokerô
Geneson Ozenezokemae
Gisele de Arruda Silva Paresi
Graciele Azenokaerose
Ismael Ezomaece
Jadson Ozoemezokaese
Janieli Zenoizokemairo
Joel Zokamazokae
Jhonatan Okenazokie
Jueslaine Nezomairocê
Laudineia
Lenilson Nezokemae
Leuzito Zozokemaese
Lino Zokenazokae
Marislaine Wenazokero
Nayla Enezokairo
Oseias Nenezokae
Vanessa Azenazokairo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO61

1 ZOLANE63

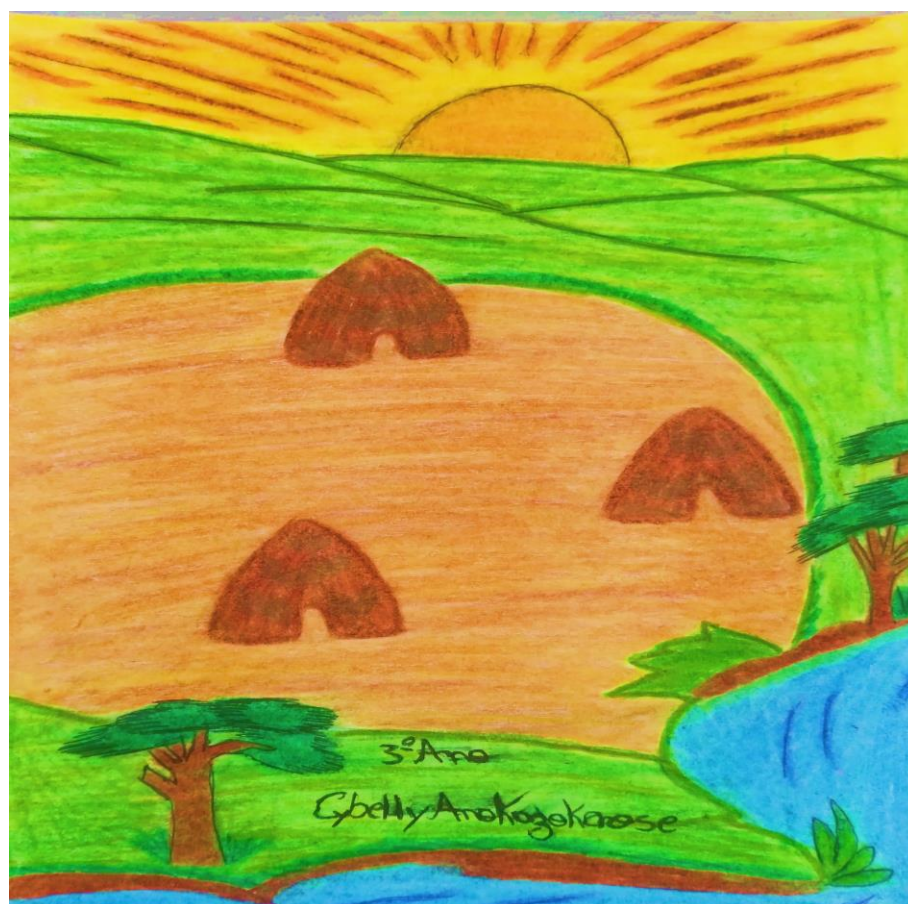
2 ZERO69

3 KAWIYAKERE72

4 FEHANATI75

5 IYAMAKA78

6 EYENAE ZERATI HIYE TYAONITA86



APRESENTAÇÃO

Esta produção de literatura indígena que pode ser utilizado como material didático, está escrito na língua materna e é sobre o Zerati (Cântico Haliti-Paresi). A elaboração foi realizada através de oficina com os alunos e professores do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena Malamalali da aldeia Rio Verde e da aldeia Cabeceira do Sacre.

O material faz parte da minha dissertação do mestrado que é sobre o Zerati (Cântico Haliti-Paresi), os textos e os desenhos foram produzidos pelos alunos, com a orientação dos professores. Para desenvolver cada tema do trabalho os alunos foram divididos em grupos para fazerem a pesquisa sobre o Zerati, e posteriormente realizada a organização escrita e os desenhos que compõem o interior deste livro.

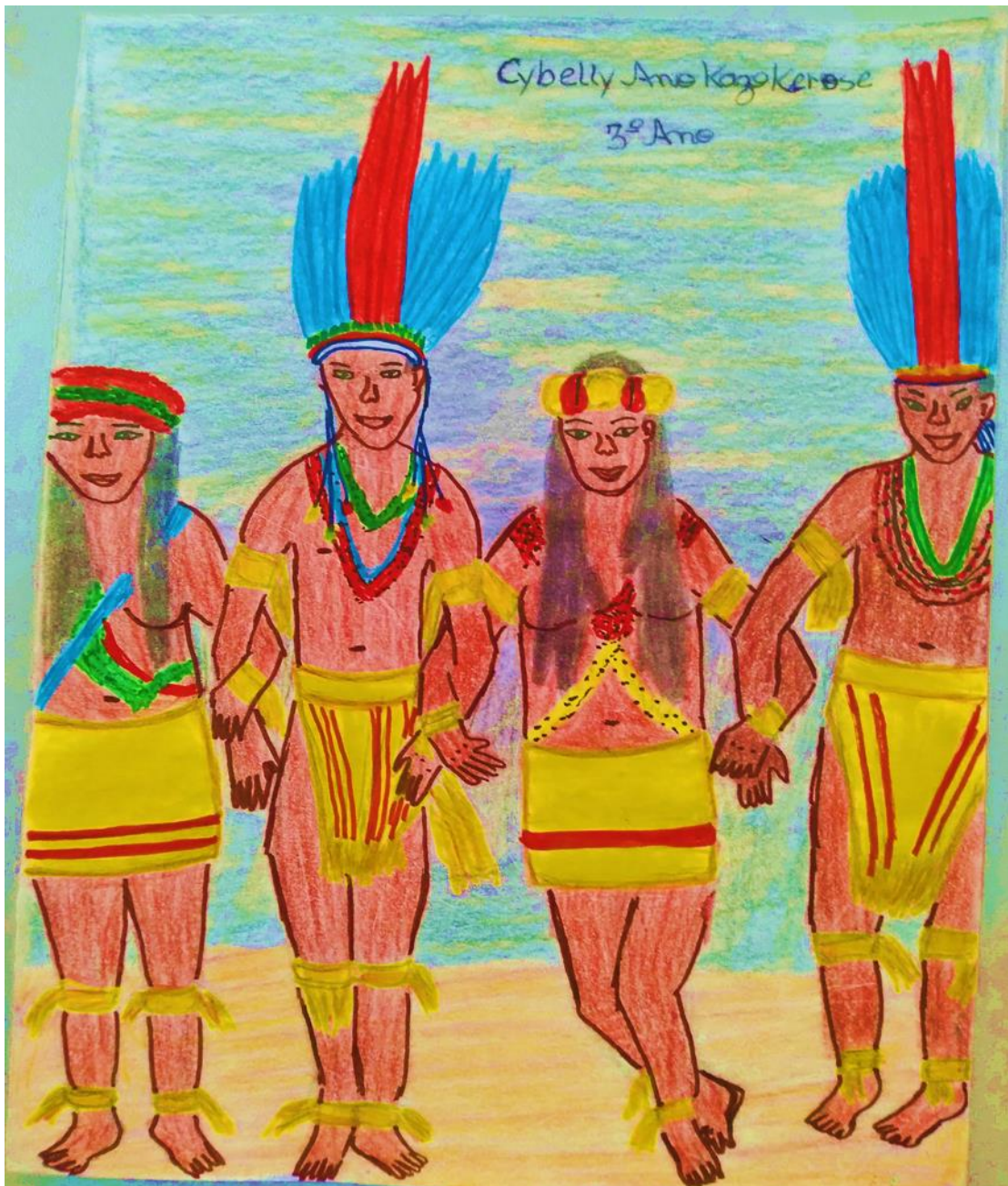
Esta produção é resultado da pesquisa de mestrado, mas acima de tudo é um movimento dentro da escola na direção da construção de uma pedagogia Haliti, diferenciada e específica. Espero que esta publicação possa contribuir com a educação escolar indígena do meu povo, que seja mais uma ferramenta para manter vivo os saberes tradicionais da cultura do Haliti, no fortalecimento e na valorização do Zerati no currículo das escolas indígenas.

Quero destacar que a produção escrita sobre o zerati se encontra escrito somente na língua materna, é uma decisão política da manutenção linguística, além de ser elemento de fortalecimento dos conhecimentos tradicionais que são repassados de geração em geração. Cabe ressaltar que esta produção é de fundamental importância para o fortalecimento do ensino da língua materna nas escolas Haliti-Paresi, para o currículo de cada unidade escolar do meu povo.



Esta é a imagem da flecha sagrada que é uma flecha que fica no esteio da hati, uma das entidades do Haliti-Paresi. Ela tem grande significado espiritual, aí está o Enore, ela representa a divindade, os guardiões da natureza, ela é parte da nossa própria cosmologia, e é com essa imagem da flecha sagrada que abro este livro.

1 ZOLANE



Zolane atyo wahazati hena hoka itsoaha hatyako hoka, holikyoahita, zerahita zoaha. Enanae itsoa hatyako hoka zeraha, holikyoaha hanama tahoko hoka hatyaotseta erakitsahene hoka, hatyaotseta idyaityatiye idyaitsehare zolane hiye hoka, miyatya haidyaene hoka. Hatyaotseta zolane txiyahokohitiya, inityohaliti, zoimyahaliti, zoimya harenae holikyoita.

Hatyaotseta zakolotinnae harekahare mokita zolanititerenae kanoako, kahotxikyoatidyo zerehena hoka mokahitaha inityohaliti kanoako. Zolanetiterenae imyamakazatyaha hoka, kore nolone itsahitaha zolane ana. Ferakwa maniyehena hoka watorezatyahitaha, oloniti kakwa

erakitsahene hoka, kawiniha hoka, itsoahenahitaha hoka haikyoa haztyahitaha ferakwahena hoka.

Ferakwa hoka zolane kaolatyaha hoka hikyoahititaha, hatyaotseta ezakolona azaharehenahititene, hatyaotseta oloniti faharenae kenekwahitita.

(Marislaine Wenazokerose, Geneson Ozenezokemae e Janieli Zenoizokemairo)

Haiya zeratinae:

Natyota nitsoa hena

Natyota nitsoa hena

Natyota nitsoa hena

Wauremanikoiyere

Wauremanikoiyere

Zalahihyore kaze

Wauremanikoiyere

Iyamaka zekohatse

Iyamaka zekohatse

Maitsa kore hiyaiya

Ota notyoakolita

Iyana kinyotaotse

Ota notyoakolita iyana kinyotaotse

Nozani

Nozani nakwahitsano

Nozani nakwahitsa

One Olokiyozaho

One Olokiyozaho

Nozani nakwahitsa

Nahitali zawalihyo

Otxikiyere zawali

Nokahekware kakwano

Nozani nakwahitsa

One olokiyoaza

Nahitali Zawalihyo

Otxikiyere zawali

Nozani nakwahitsano

Nokahekware kakwa

Nahitali zawali

Kakawa kore ama

Kakawa kore ama

Kakawa kore ama

Nozalike ama

Kakawa kore ama

Nozakolike ama

Italataka malo

Italataka malo

Txiyetakawe malo

Ketehoti maniya, txiyitakawe malo

Kamae kokoiya hatyo enihyo zaoloneze

Txiyitakawe malo

Ketehoti maniya txiyitakawe malo

Malowe zaoloweko, malowe zaoloweko



Nowaiya halohalo

Nowaiya halohalo

Nowaiya halohalo

Notiya halohena

Nowaiya halohalo

Notiya halohena

Atyotyo kizokare

Atyotyo kizokare

Ehalohaloneno

Waiye imyalolita

Waiye kazaihidita

Nowaiya halohalo

Nowaiya halohalo

Notiya halohena

Atyoty kizokare ehalohaloneno

Waiye kamalolita

Waiye kazaihidita

Atyoty kizokare ehalohaloneno

Kidyakwane henere

2 ZERO



Zero atyo kinyohaliti zowakita kaotyaka. Wazare hajimyarenenae kakwa hikyoahenere zowakita tsehali akota, Nare atyo hamokotseharenae kakwa zero ezerane, ezoholikyane kakwa hikyoaha tsehali akota, hatyo jimita zerati kaotyaka. Hiyeta kaotyaka zero, hatyo hiyeta kinyohaliti haihikyoneha tahi zeraha, nare mokotseharenae kakwa hatyo zero zerane tyaona.

Kalini atyo kakaolonityakehena hoka enolone, enola hare mokahitaha, hoka hatyo hiye itsoaha hoka zerotitaha, zero zerane zrahitaha ekakwa. Erakitsahene hoka idyaetyatyie idyaetsehareta zero hiye, haidyaene miyatya idyaetyatiye hoka zero henahitiyaha. Hatyaotseta ezakoloha holikyoa ekanoakoha, hatyaotseta kaolatyahene hoka hikyoahena hititaha.

(Alisson Kazonazokemae e Nayla Enezokairo)

Zero zerane



Dongorore dore dare
 Kehalani halatyoa halatyoa hena
 Wanatarena toli kowaimyarena
 Hotxikyarena toli meretyoa hena

Dongorore dore dare
 Aidyazero hiwero hewaiatyaka
 Aidyazero hiwero hewaiatyaka
 Anokolaweirare hitikinyola
 Ewaiatyakahare holatyoa hena

Dongorore dore dare
 Kehalani halatyoa halatyoa hena
 Wanatarena toli kowaimyarena
 Aidyazero hiwero hewaiatyaka

Dongorore dore dare

Ewaiyatyakahare holatyoa hena
 Witso naitakaitkere wikyazakolo hena
 Aidyazero hiwero wikyazakolo hena

Dongorore dore dare
 Nonatyorena kakwa kozohihyotre
 Jiwaotyaniya kakwa wikyazakolo
 Aidyazero hiwero wikyazakolo hena

anakwaweirare hitikinyoli
 Wazare katse nahe enolonekwa
 Wikyazakolo hena aidyazero hiwero
 Aidyazero hiwero wikyazakolo



3 KAWIYAKERE



Kawiyakere atyo ehare wenati tahi idyaeta, azazemaita ehare itsekohalitinae hiyeta hakahinyaetyaka awita. Kinyatere enawenane tyaona maheta, waiye kanakaidya, ihyalahare, kinyatere, zoalinihare mamahalone maheta, tota hore kakwa tyaonehitya enawenane.

Kawiyakere atyo kakaolonetyakehena hoka tyaonita, Enohare ana kawiyakaitere kawiyakaita, omokere oloniti, oliti hiye. Hatyo hiyeta atyo Haliti waiye kaoloneta, waiye kawiyakere tyaona maheta, maeha zoare enaheta maniya kaotyaka maheta, katalatyakere tyaonita hatyohare, hiyeta atyo kawiyakere tyaonita olonitihena hoka.

Kawiyakaitere atyo kawiyakahena hoka tyotyanae talatya aokita Enore hiye, hatyo hiyeta atya hikyaolonehena hoka haiminihyena, himyatyatehena kaomakitere hiye, maeha zoare tyaona hikyakwa maheta.

(Angelo Kezomae e Elianai Zanazokero)

Zomokere hiye nidyaityaka

Kala owene hitxiyityonae, hiyatsonae, hikyehorerahalonae, himyatyawanehalonae
Mohena zomana waiyeze ehare hamokotsehalonae, hamokotseharenae nekenekwahalone,
nekenekwaharene hiyeta waiya tihyotyakene hiyeta.

Owene ozaka mohena zomana, ezahe jitso wihaore hare waikyatenae ana, ezahe jitso
akoakitiyerenae ana, jitso ezahe Enore.

Fetatyati hiye nidyatya



Owene moheta homana, ezahe ehare womanere haliyakore owene kawanahiyeretya
hitso hitxiyityo, ezahe mahalithiyare nonezazare, mahalithiyare anere owene hitxiyityo moheta,

nidyaetsehaloni namokitahomana maitsa tyare zoare metere homana, hawahakohetehena, hatalahetehena makere, ezahe eye hare haloti, Haliti haholitahalolo, haholitahareze, kawewaiyaka waiyitere, eye hare hitxiyetenae, hitxiyityonae, eye hare mahalitihyare hatene owene aomaniyatyahita, eye hare hitxiyetenae, hitxiyityonae jiyazaokaka harene kakwa zawahakotya, zatalahetehena makere, eye hare waiyeza maniya takita jiyahekola zamohetehena jitxiyityonae, jitxiyetenae ana abe tyaidyo, ezahe owene hiyekohatseo eye hare mahalitihyare hana katyahe, hatenehare, kaotse, makita jitxiyityo, eye hare waiye maniya hikyazaikyo, jiyazaokaka harene kakwa naokita jihiyeta, kala owene ini kaitsero jiyekohatsero eye hare mahalitihyare anere owene haliyakore kawanahiyereheta jitso jiyekohatsero, ezahe owene hiyekohatse tyakekotere jitso mokotsehaliti, eye hare haetonane hare mokita, awitsa, makani hinyama ferakene haetonane hare mokotsehaloti, mokotsehaliti, eye hare jiyazaokaka harene kakwa zatalatya, jikyazaikyo.

Enohare mokoitere hiye nidyaetyaka

Aiyalatyarehaloooo, aiyalatyarehareeee
 Namokohenaana, wiye aiminitxiterehareeee
 Nokawanahiyatyakiiii, waiyeta oreka ore nidyaene halo hitiyata
 Owene nidyaeta hihiye, kala hiwyakanehalo, hiwyakaneharenae
 Hiwyatilinyoooo, enoharetseeee, tyokatsekaiyeeee, imyazahare, imyazahaloooo
 Wakomoneeee, towakaihyore.

4 FEHANATI



Kahare atyo fehanati hiye tyaonita: zaitsakakwati fehanane, hafehanatya hoka hahalakwahare maotikyone hamokene maheta, hoka mahaiya katolikyoyita maheta jini, kidyakahare fehanane, hafehanatya hoka hinyama fehanati hatyo kakwa, hafehanatya titiyetse, zozore kakwa maheta, eyenae kakwa kafehanatya maheta. Fehanati hiye hitiya tyaonita one fehanane, hoholati fehanane, aikyoliti fehanane, kahihiye fehanane, zoimya zotyahidyo fehanane, kidyakahare aitsarehare fehanane, eye atyo haiyanae fehanati. Ali atyo maeha tyotya wamoita fehanatinaya, kahare atyoya fehanati tyaonita, tyotya kafehaneze, kafehanatyakere witso halitinae ana.

(Anderson Kezomae, Leuzito Zoezokemaee e Evair Enezomaese)

Haiyanae fehanati:

One fehanane

Alaoreka natyo hetati zowakiya hozanyae
 tyokoekatinae kerahena waiye nomawaiya zematyakahare
 nozanihena, awa hiyeta waiye namawenanekitsa hitso
 kamae winya tyalakoiya halakwa tyalakoiya.

hokakitere ana fehanane

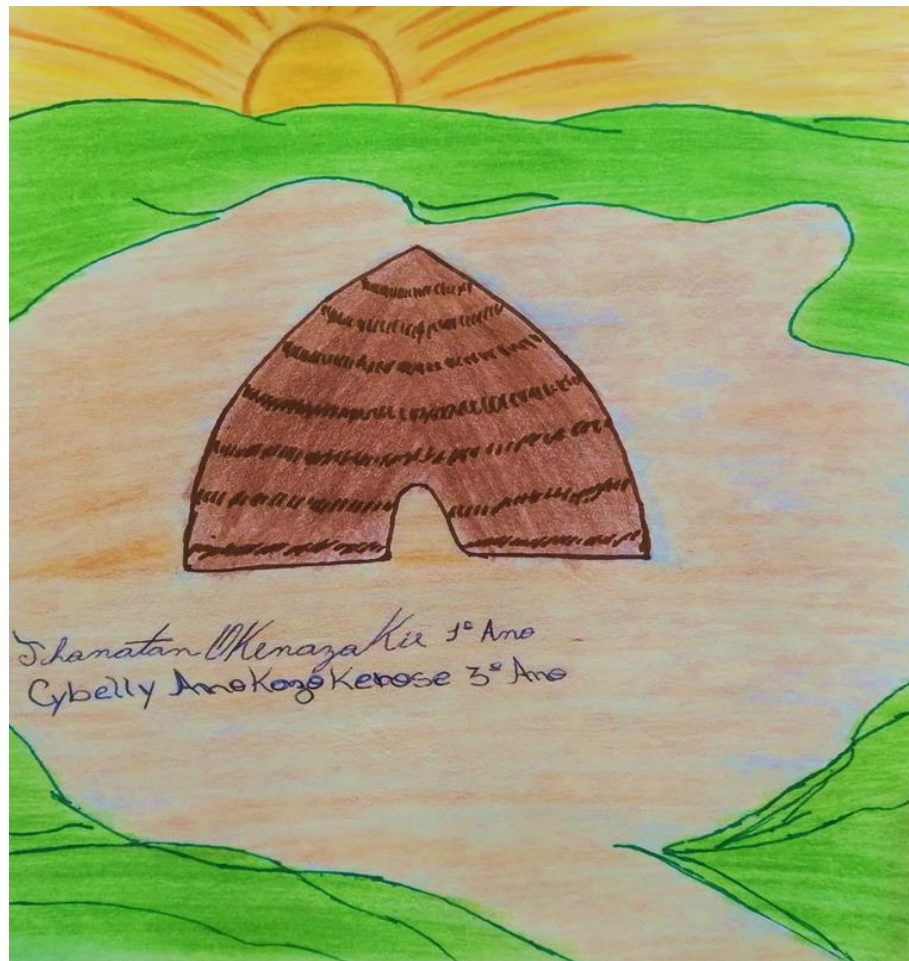
Natyo notyaonehetehena one kinyo maniya
 Natyo notyaonehetehena one hitihyokomone zaokakerehare
 One halatareza kakwa maikya natityokihitita
 Maikya naokanikihitita
 One koretaloza kakwa, wainyakihitita, wakamenanehalohetehena
 Maikya wimyokotsehalo txui nea
 Eye kakwita wimyenaneharehitita nita
 Ozaka eye zamehena ali hetati zowakiya wahitala zaokakerehare
 Wahitala tihyola tyahatse era hoka wahalahaloheta, wahalaharehetehena
 Wakamenanehetehena txui nehitya
 Waiye nehitya zama ali hetati zowakiya wahitala
 Wihyalatene zaokakere hare era hoka watilikya taidya heta
 Era hoka waokanikihetehena wimyokotsehalo, wimyokotsehare
 Waokanikihitita ezoakaite hoka mahokakenehalo, mahokakenehare
 Tyaonehetehena wimyokotsehalo txui nea

Hoholati fehanane



Natyo enoharetse zoakakerehare
 Natyo waiye zokaiditse zoakakerehare
 Natyo waiye hetati zowakiya
 Waiye wazare hana namokotya nidikyotsekwahena
 Natyoite namokotya nidikyotsekwahena
 Zekahatihyalore, zekahatihyareze
 mainawehaloti, wainawehaliti toli
 waiye namokotya nidikyoteskwahena
 Waiye natyo natyholi zerahore kakwa
 Natyoka maitolokwatyaka hare
 waiye hetati zowakiya
 Waiye wazare hana ene namokotya
 Nidikyotsekwahena, natalakatsekwahena
 Waiye natyo mamitolokwatyaka hare

5 IYAMAKA



Iyamaka atyo witso halitinae nawenane kazaikyota, talahitita ehare iniyalahaere. Iyamaka atyo maeha zomehaliti jini, kaziminitakere atyo, hokotya hatyo atyo kakaolonityakehena hoka kakawanahiyatyakita, ehiye atyo idyatyatiye idyaetsehare, ajita Enore, Enoharetse hiye ajita kaoloneterenae talatyaka waiyeze ezaiminidyaha hiyeta.

Kahare atyo iyamaka tyaonita, ena taita atyo iyamaka kakwa mazalohareta, maeha atyo ohidyo waiyare iyamaka, eyenae atyo iyamaka Zeratyalo, Amore, Imyokolo, Tyaidyo, Walalo, Tyaidyohaloti, Walalotse, Amoretse e Tidyama. Iyamaka zerane atyo hawarehare makere, ezoholikyokane zoaha, wetekokkwa hati haliya tayo iyamaka kakwa mazaloharetaha. Iyamaka hana atyo kidyane weteko kilihi maniya tyaonita.

(Elisangela Maizokero e Celene da Silva Paresi)

Iyamaka zerane

Aaahãhãhã, aaahãhãhã
 waiye kaha,waiyeka tyotehena
 waiye kaha,waiyeka tyotehena
 Maihyakana, maihyaka toli nahe

Aaahãhãhã, aaahãhãhã
 waiye kaha,waiyeka tyotehena
 waiye kaha,waiyeka tyotehena
 Maihyakana, maihyaka toli nahe

Aaahãhãhã, aaahãhãhã
 Zotyo koni, zotyo koni zakaiye
 Zehokaka, zaitsaka zemereka
 waiye kaha,waiyeka tyotehena

Aaahãhãhã, aaahãhãhã
 Ihiyete, iyeteka kataonahi
 Iyeteka, iyeteka kataonahi
 Zehokaka, zaitsaka zemereta

Aaahãhãhã, aaahãhãhã
 tyahotyoka,tyahotyokka iyomere
 tyahotyoka,tyahotyoki iyomere
 Zehokaka, zaitsakana zemere

Aaahãhãhã, aaahãhãhã
 Wahaereka, waereka hotehare
 Wahaereka, waereka hotehare
 Zehokaka, zaitsakana zemere

Aaahãhãhã, aaahãhãhã
 Maihyakana, maihyaka toli nahe
 waiye kaha, waiyeka tyotehena
 Alahidyo, alahidyore kaiye
 zotyo koni, zotyo koni zakaiye

Aaahãhãhã, aaahãhãhã
 Ihiyete, iyeteka kataonahi
 tyahotyoka, tyahotyoka iymere
 Zehokaka, zaitsakana zemere

Aaahãhãhã, aaahãhãhã

Iyamaka zerane

Natyo notyokehena
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nohowe iwyakolare, nohowe iwyakolare
 Nokahakala heno, natyo notyokehena
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Iyoke maiyehekwa, iyoke maiyehekwa
 Natyo notyokehena, natyo notyokehena
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Halata tahi heno, Halata tahi heno
 Natyo nolinyo heno, natyo notyokehena
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Natyo notyokehena, natyo notyokehena
 Ainyakwarenae toli, nokahakala heno
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityoreneno hare, nikya hatoto hena
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityoreneno hare, hare zani maiyeha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityoreneno hare, hare zani majaiyo
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hitsoma natyo, nikya hitsoma natyo
 Atyo zani kamazo, atyo zani kamazo
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hitsoma natyo, nikya hitsoma natyo
 Atyo zani kamazo, atyo zani kamazo
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Era nainyakwareha, era nainyakwareha
 Eno katyolakware, eno katyolakware
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Era notyokareha, eholaiyore heno
 Matokolidyo heno, era notyokareha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Koholi wakonare, Koholi wakonare

Nokahakala heno, era notyokareha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Owa maitxiya notxi, owa maitsa ya notxi
 Kozaka reka hatyo kahiyala hihyotse, kahiyala hihyotse
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Ohidyo heteronae, ohidyo heteronae
 Hikyoane wenekwa, notxi ya nomitare, notxi ya nomitare
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Kozaka reka notxi, kozaka reka notxi
 Kahiyala hihyotse, kahiyala hihyotse
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityorene no hare, hare zani maiyeha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityorene no hare, hare zani maiyeha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Tsalako zare tyore, tsalako zare tyore
 Kalaikyo zare tyore, hatoto hena hare
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Kalaikyo zare tyore, kalaikyo zare tyore
 Tsalako zare tyore, hatoto hena hare
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Eyetare no zoka, eyetare no hoka
 Witxiya hohoheta, oza kaotyakehena
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Eyetare no zoka, eye iyamaka hoka
 Oza kaotyakehena, hatyo halohalone
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityorene no hare, tsalako zare tyore
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Kaolone nerakolo, kaolone nerakere
 Zatsemakitsakala, hatoto hena hare
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Kaolone nerakolo, kaolone nerakere
 Zatsemakitsakala, zatsemakitsakala
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityorene no hare, hare zani maiyeha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityorene no hare, hare zani maiyeha, hare zani maiyeha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityorene no hare, hare zani maiyeha, hare zani maiyeha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Eyetare witxiya, eyetare witxiya
 Oza kaotyakehena, ohidyo heteronae
 Hatyo halohalone, oza kaotyakehena
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Waiye himyalolita, waiye himyalolita
 Waiye kazaihidita, ohidyo heteronae
 Hatyo halohalone, hare zani maiyeha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikyane no hare, tsalaoko zare tyore
 Tsalako zare tyore, hare eyani maiyeha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikyare hare kore, nikyare hare kore
 Hatyo halohalore, hatyo halohalore
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Hotokwa kakware kore, hotokwa kakware kore
 Kaoka kakware kore, hatyo halohalore, hatyo halohalore
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Ohidyo heteronae, ohidyo heteronae
 Hatyo halohalore, hatyo halohalore
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Waiye kazaihidita, waiye kazaihidita
 Ohidyo heteronae, hatyo halohalone, hatyo halohaloza
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Nikya hatoto hena, nikya hatoto hena
 Wityorene no hare, hare zani maiyeha, hare zani maiyeha
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

Oza kaotyakehena, oza kaotyakehena
 Ohidyo heteronae, hatyo halohalone, oza kaotyakehena
 Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã
 Waiye himyalolita, waiye himyalolita
 Waiye kazaihidita, ohidyo heteronae

hatyo halohalone, waiye kazaihidita

Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã

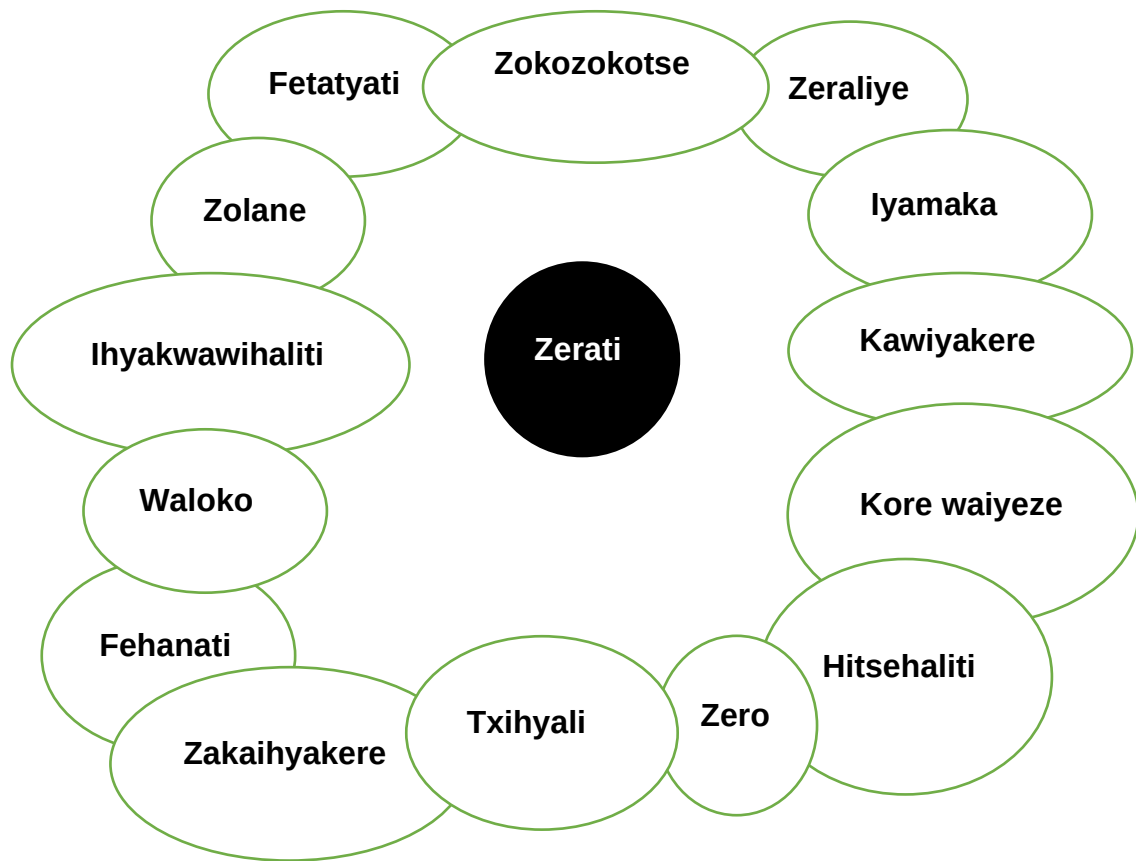
ohoka kakware toli, ohoka kakware toli

Ohidyo heteronae, hatyo halohalone, hatyo halohalore

Aaahãhãhã, aaahãhãhã, hãhãhã



6 EYENAE ZERATI HIYE TYAONITA



Professora: Nilce Zonizokemairô

